

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia

Paulo Antonio Romano de Mello

**"BREQUE DOS APP": Análise do Ciclo de Protestos dos Trabalhadores de
Entrega por Aplicativo em Belo Horizonte (2020-2022)**

Belo Horizonte
2023

Paulo Antonio Romano de Mello

"BREQUE DOS APP": Análise do Ciclo de Protestos dos Trabalhadores de Entrega por Aplicativo em Belo Horizonte (2020-2022)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Ana Marcela Ardila Pinto

Belo Horizonte
2023

<p>301.16 M527b 2023</p>	<p>Mello, Paulo Antonio Romano de. "Breque dos app" [manuscrito] : análise do ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte (2020-2022) / Paulo Antonio Romano de Mello. - 2023. 80 f. Orientadora: Ana Marcela Ardila Pinto. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia. 1. Sociologia – Teses. 2. Aplicativos móveis – Teses. 3. Movimentos sociais - Teses. I. Ardila, Ana Marcela. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos 08 (oito) dias do mês de agosto de 2023 (dois mil e vinte e três), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado do discente **Paulo Antônio Romano de Mello**, intitulada: ""**BREQUE DOS APP**": **Análise do Ciclo de Protestos dos Trabalhadores de Entrega por Aplicativo em Belo Horizonte (2020-2022)**". A banca foi composta pelos (as) professores (as) doutores (as): **Ana Marcela Ardila Pinto** (Orientadora - DSO/UFMG), **Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (DSO/UFMG) e **Ana Cláudia Moreira Cardoso** (Centre Reserche Sociologiques e Politiques Paris). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação da Defesa (x)

Reprovação da Defesa()

Belo Horizonte, 08 de Agosto de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Ana Marcela Ardila Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 21/12/2023, às 10:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dimitri Fazito de Almeida Rezende, Chefe de departamento**, em 21/12/2023, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Claudia Moreira Cardoso, Usuária Externa**, em 23/12/2023, às 12:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2922624** e o código CRC **28C46557**.

À minha mãe, Araceli
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

O luto se fez verbo. Impossível não pensar nas marcas da ausência, na falta que sinto de minha mãe. A felicidade que ela sentiria ao ver este trabalho completo foi o motivo determinante pra cada escolha que fiz ao longo deste curso. Foi na esperança de fazer valer algum legado que encontrei a disposição de seguir em frente. Assim que agradeço com muita ênfase o exemplo de generosidade, dedicação e curiosidade que tive desde sempre em minha mãe.

Agradeço a minha irmã, Ana Cecília, sempre presente e disponível, desde as correções do primeiro pré-projeto ao suporte na metodologia de análise, além de todo apoio e cuidado. Você é a família que tenho.

Agradeço a minha companheira, Yana, por tanto. Tantas correções, tantas leituras, tantas vezes que não pude estar presente como gostaria, tanto apoio que recebi e tanto carinho que nutrimos. Com certeza o caminho foi menos cinza ao seu lado. Te amo por isso e tanto mais.

Agradeço à Ana Marcela por ter topado assumir a orientação deste trabalho já em curso e ter ajudado tanto para que a pesquisa tome forma. Estendo os agradecimentos aos colegas do CEURB, pela acolhida apesar do pouco tempo de convivência.

Agradeço à Nina Rosas que tão bem acolheu e ajudou a resolver todos os percalços de minha trajetória pelo PPGS. Aproveito para agradecer à Renata, que resolve absolutamente tudo que se precise na secretaria de nosso programa.

À professora Carolyne Barros, pela leitura atenta e contribuições no exame de qualificação. À professora Ana Cardoso pela disposição em fazer parte da banca de defesa deste trabalho. E ao professor Dimitri Fazito pela participação na qualificação e agora na defesa final.

À minha parceira de ideias megalomaníacas na sociologia, Isabella Arreguy, por tantas trocas, aprendizados e amizade. Ainda virão artigos, eventos e, principalmente, cafés.

Ao Alessandro por ter possibilitado minha entrada em campo e ter compartilhado as impressões sobre os caminhos da pesquisa e os desafios do movimento. A Eduardo Pereira e Letícia Birchal, pela disponibilidade, diálogos e possibilidades de pensar este trabalho.

Agradeço a sorte de ter entrado junto com uma turma tão generosa e companheira, que mesmo na distância do isolamento social se fez amiga em tantas aulas e cabrais virtuais.

Agradeço especialmente a Brenda, Carol, Let, Maria Alice, Rafa e Warley pela amizade, pelas risadas, puxões de orelha, conversas sérias e tantas bobagens. Cada uma e cada um de vocês deixou uma marca aqui neste trabalho e na minha vida. Aprendi, briguei e fui muito feliz ao lado de vocês, queridos.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais pela excelência e pelo compromisso com a Educação pública, gratuita e democrática.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Ce sabe o quanto é tortura um motoboy com fome tendo que carregar comida nas costas?
Paulo Lima "Galo"

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão do ciclo de protestos denominado Breque dos App protagonizado pelos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte durante os anos de 2020 a 2022. Utilizou como referencial as Teorias dos Movimentos Sociais, buscando descrever os recursos e repertórios de confronto disponíveis aos trabalhadores de entrega por aplicativo, analisar como os agentes enquadram o conflito e mobilizam as Molduras Interpretativas de Ação Coletiva no caso em questão e determinar como as práticas de mobilidade intrínsecas ao trabalho de entrega por aplicativo se relacionam com a mobilização destes trabalhadores. A pesquisa teve caráter qualitativo e utilizou-se de entrevistas com lideranças do Breque em Belo Horizonte além de notícias sobre os protestos vinculadas em portais jornalísticos e vídeos de canais de motofretistas no YouTube. O trabalho identificou o breque como um repertório de confronto determinado pela articulação simultânea entre paralisação dos trabalhadores de entrega, interdição de postos de distribuição e praças de alimentação estratégicos e manifestações em vias públicas. A pesquisa identificou também que o contato das lideranças dos trabalhadores com a gerência das empresas-plataforma é um importante recurso para a mobilização. Quanto às Molduras Interpretativas de Ação Coletiva, a pesquisa concluiu que o enquadramento da questão da autonomia é a principal questão de litígio no confronto entre trabalhadores e empresas-plataforma. Em relação à articulação entre a mobilidade e a mobilização, este trabalho aponta que a dispersão conglomerada é a característica determinante que articula a mobilidade inerente do trabalho de entrega por aplicativo e a mobilização social destes trabalhadores. Por fim, a pesquisa identifica que são as brechas na sociabilidade dos trabalhadores que potencializam a constituição de vínculos de solidariedade, identidade coletiva e possibilidade de mobilização social.

Palavras-chave: Breque dos App; movimento social; entregadores de aplicativo; mobilidade; mobilização.

ABSTRACT

This research aims to contribute to the understanding of the protest cycle known as "Breque dos App," led by app-based delivery workers in Belo Horizonte during the period from 2020 to 2022. The study draws upon the Social Movement Theories to describe the available resources and repertoires of contention employed by app-based delivery workers. Additionally, it analyzes how agents frame the conflict and mobilize Collective Action Interpretive Frames in this specific case, while determining the relationship between the intrinsic mobility practices of app-based delivery work and the mobilization of these workers. The research adopts a qualitative approach and relies on interviews with Breque leaders in Belo Horizonte, as well as news articles covering the protests from journalistic portals and videos from couriers channels on YouTube. The study identifies the "Breque" as a repertoire of contention characterized by the simultaneous articulation of worker strikes, the blockade of strategic distribution centers and food courts, and street demonstrations. Moreover, it highlights the significant role of contact between worker leaders and app companies' management as a crucial resource for mobilization. Concerning the Collective Action Interpretive Frames, the research concludes that the issue of autonomy represents the main point of contention in the conflict between workers and app companies. Regarding the interplay between mobility and mobilization, this study indicates that concentrated dispersion is the determining characteristic that connects the inherent mobility of app-based delivery work with the social mobilization of these workers. Lastly, the research identifies that breaches in workers' sociability potentiate the formation of solidarity bonds, collective identity, and the potential for social mobilization.

Keywords: Breque dos App; social movement; delivery app couriers; Mobility; mobilization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Instrumentos de Coleta.....	35
Quadro 2 - Caracterização dos entrevistados	36
Quadro 3 - Caracterização dos vídeos	37
Quadro 4 - Caracterização das notícias	39
Quadro 5 - Códigos da Análise	41
Quadro 6 - Frequência das categorias de Recursos	47
Quadro 7 - Contato com outras lideranças nacionais	48
Quadro 8 - Contato com gerência empresa-aplicativo.....	49
Quadro 9 - Apoiadores Externos à categoria.....	50
Quadro 10 - Articulação com outras categorias e movimentos sociais	51
Quadro 11 - Frequência da categoria Repertórios de Confronto.....	53
Quadro 12 - Paralisações e breques.....	54
Quadro 13 - Reuniões com gerência da empresa-aplicativo.....	55
Quadro 14 - Organização e união da categoria	56
Quadro 15 - Mobilizações em relação ao poder público.....	57
Quadro 16 - Atuação nas Redes Sociais	58
Quadro 17 - Frequência das categorias relativas às MIAC	59
Quadro 18 - Avaliação sobre o trabalho.....	60
Quadro 19 - Discursos sobre as empresas-plataforma	61
Quadro 20 - Pauta das mobilizações	62
Quadro 21 - Mobilizações com pauta difusa.....	64
Quadro 22 - Frequência das categorias de Mobilidade e Mobilização	65
Quadro 23 - Mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento	66
Quadro 24 - Mobilização em outros pontos de distribuição em função da mobilidade	67
Quadro 25 - Fechamento dos postos de distribuição.....	68
Quadro 26 - Brechas.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMMEJUF	Associação dos Motoboys, Motogirls e Entregadores de Juiz de Fora
ANEA	Aliança Nacional dos Entregadores por Aplicativo
MIAC	Molduras Interpretativas de Ação Coletiva
SINDIMOTO-SP	Sindicado dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas Intermunicipal do Estado de São Paulo
STATTESP	Sindicato dos Trabalhadores com Aplicativos de Transportes Terrestres do Estado de São Paulo
TCP	Teoria do Confronto Político
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TMR	Teoria da Mobilização de Recursos
TMS	Teorias dos Movimentos Sociais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES DE ENTREGA POR APLICATIVO: uma aproximação ao campo de estudos	15
1.1. Descrição do processo de trabalho nas plataformas	17
1.2. Dimensão espacial das plataformas e da mobilização dos trabalhadores	19
1.3. A mobilização dos trabalhadores	21
1.4. Algumas lacunas do campo	22
2. UMA ABORDAGEM DAS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS	26
2.1. Articulação da teoria dos movimentos sociais com a sociologia do trabalho	27
2.2. Recursos e Repertórios de Ação Coletiva	29
2.3. Enquadramento ou Molduras Interpretativas de Ação Coletiva (MIAC)	31
2.4. Ciclo de Protestos	32
3. METODOLOGIA.....	34
3.1. A entrada em campo	39
3.2. Análise de categorias	41
4. ENTENDENDO O BREQUE DOS APPS COMO UM MOVIMENTO SOCIAL	44
4.1. Recursos	45
4.2. Repertórios de confronto	51
4.3. Molduras Interpretativas de Ação Coletiva	58
4.4. Mobilidade e Mobilização	64
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
6. ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	80
7. ANEXO 2 - ROTEIRO ENTREVISTA.....	81

INTRODUÇÃO

Neste trabalho iremos tratar das mobilizações conhecidas como Breque dos Apps, protagonizadas pelos trabalhadores de entrega por aplicativo que consistiram em paralisações do serviço de entrega, com piquetes e manifestações na cidade, durante a pandemia do novo coronavírus. Aqui nos deteremos a compreender os processos de mobilização que constituíram o Breque dos Apps em Belo Horizonte durante os anos de 2020 a 2022.

O trabalho de entrega por aplicativo se insere no contexto da reestruturação produtiva, em curso desde a década de 1970, fruto de uma resposta do capital para a crise de acumulação daquela década, de um lado, e da hegemonia do capital financeiro, por outro, abrindo um novo período de retiradas de direitos sociais do trabalho, com a implementação e domínio do neoliberalismo.

Na atual fase da reestruturação produtiva vê-se um fenômeno que, assimilando o avanço do instrumental tecnológico-informacional-digital, impulsiona a exploração da força de trabalho pelo uso cada vez maior da tecnologia on-line, seja com a automação de parcelas do trabalho, seja com a precarização do trabalho restante (ANTUNES, 2020). As mudanças no mundo do trabalho, neste contexto, são caracterizadas por uma precarização estrutural do trabalho, na qual comprime-se o custo do trabalho, forjando novas formas de exploração que disfarçam a relação de assalariamento. Para Slee (2020) a particularidade do fenômeno está no papel de mediação com que as plataformas online exercem na concretização dos novos negócios digitais, conectando prestadores de serviços a consumidores de forma simultânea, reduzindo os custos e o tempo entre a oferta e a demanda dos serviços, aumentando, assim, a velocidade do ciclo de valorização do capital.

Grohmann (2020) chama a atenção à pretensa neutralidade com que o “capitalismo de plataforma” apresenta suas atividades. O imaginário de neutralidade algorítmica faz parte da estratégia das corporações, quando, em realidade: “Algoritmos são produzidos socialmente a partir de determinados lugares e somente dão a ver algumas perspectivas em detrimento de outras.” (GROHMANN, 2020, p. 109). Pelo contrário, o capitalismo de plataforma tem radicalizado o controle do trabalho sob seu domínio. Amorim e Moda (2020) apontam que o capitalismo de plataforma tem controlado o trabalho sob pelo menos quatro aspectos:

O controle da intensidade e da duração do trabalho; 2. O controle ideológico sobre o trabalho; 3. O gerenciamento algorítmico sobre o trabalho e 4. O controle de qualidade, sendo que todas essas formas de controle atuam de forma coexistente durante a prestação do serviço. (AMORIM; MODA, 2020, p. 63)

Em consequência, há uma reorganização do trabalho em sua composição técnica, social e política. Por um lado, a composição técnica do trabalho se altera, acentuando sua precarização e desregulamentação, constituindo-se o que vem sendo chamado de uberização ou plataformização do trabalho. Por outro, há em curso uma reorganização da componente política do trabalho – trabalhadores ao redor do mundo tem forjado novas formas de organização e de atuação política, impulsionados pelos avanços tecnológicos e compelidos pela superexploração e precarização do trabalho (WOODCOCK, 2021).

A greve dos trabalhadores de entrega por aplicativo em julho de 2020, que ficou conhecida como *Breque dos Apps*, demonstrou, mais uma vez, a relevância e urgência em se compreender as mudanças no bojo da classe trabalhadora, em especial aquela do setor de serviços. Seu modo particular de ativismo, sua disposição ao enfrentamento e sua fragilidade orgânica precisam ser compreendidas numa totalidade da composição da classe trabalhadora, levando-se em consideração aspectos técnicos da nova morfologia do trabalho, mas também políticos, ou seja, a sua auto-organização em força política para o confronto.

Partindo de uma abordagem qualitativa, busca-se compreender os recursos, repertórios de confronto e o enquadramento do ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo, denominado Breque dos Apps, em Belo Horizonte entre os anos de 2020 e 2022. Para tal, definiu-se por realizar um estudo de caso a partir de entrevistas com as lideranças do movimento dos trabalhadores de entrega por aplicativo de Belo Horizonte.

O futuro do trabalho está condicionado à tensão atual entre as novas formas de exploração do trabalho e as novas formas de resistência dos trabalhadores. Os conflitos entre os trabalhadores precarizados e as grandes plataformas são um excelente laboratório para identificar tendências de desenlace dessa tensão, uma vez que ocorrem no ponto mais avançado da reorganização do trabalho, no chamado “capitalismo de plataforma”. Desta forma, esta pesquisa visa a identificação dos novos padrões de mobilização e ação coletiva dos trabalhadores de entrega por aplicativo,

contribuindo para a compreensão sociológica da emergência de um sujeito coletivo no contexto do capitalismo de plataformas. Ao pesquisar o movimento social dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte, este trabalho também visa contribuir com estes trabalhadores na caracterização de suas formas de organização, seus desafios e tendências.

Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender o ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo, denominado Breque dos App, de 2020 a 2022 em Belo Horizonte. Para tanto, os objetivos específicos são:

1. Descrever os repertórios de confronto e os recursos disponíveis aos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte;
2. Analisar como os agentes que participam do movimento de trabalhadores de entrega por aplicativo enquadram o confronto político e constroem suas Molduras Interpretativas de Ação Coletiva (MIAC);
3. Determinar como as práticas de mobilidade no trabalho dos entregadores se configuram como uma estrutura de oportunidade política no processo de mobilização destes trabalhadores.

1. MOBILIZAÇÃO DE TRABALHADORES DE ENTREGA POR APLICATIVO: uma aproximação ao campo de estudos

Neste capítulo buscamos uma aproximação ao campo de estudos sobre a mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo, propondo, ao final, um marco teórico para a análise das entrevistas às lideranças destes trabalhadores em Belo Horizonte. Para tanto, escolhemos fazer um balanço bibliográfico tendo por base estudos em sua maioria empíricos. Desta forma, apresentamos uma sorte de questões metodológicas mais comuns neste campo de estudos e aproveitamos para apontar algumas lacunas, quer sejam percebidas pela bibliografia cotejada, quer sejam por nós inferidas.

O processo de digitalização das relações sociais, impulsionado significativamente pelo avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), implica em mudanças profundas na forma de organização da economia e do trabalho (KLUMPP; RUINER, 2018; KALIL, 2020), mas, gradativamente, tem extrapolado essas dimensões e impactado o conjunto das relações sociais, tendo efeito inclusive sobre a organização do espaço urbano (KLUMPP; RUINER, 2018; HUWS, 2020; CHAN, 2021; SLEE, 2020). À medida em que esse processo se consolida, conforma-se enquanto uma nova forma de organização da economia e da sociabilidade humana, constituindo-se o que chamamos de capitalismo de plataforma (SRNICEK; DE SUTTER, 2017; GROHMANN, 2020; ANTUNES, 2020; CANT, 2020; KALIL, 2019; SLEE, 2020).

As plataformas são entendidas aqui como uma infraestrutura tecnológica que tem por finalidade principal a extração e análises de dados. Operam por meio de dispositivos para intermediar as relações entre prestadores de serviço e consumidores finais, tendo como principal materialidade um *site* ou aplicativo de *smartphone* (SRNICEK; DE SUTTER, 2017; CINI; GOLDMANN, 2020; HUWS, 2020; KALIL, 2020; CHAN, 2021; SLEE, 2020).

Quando nos referimos aos trabalhadores de entrega por aplicativo estamos falando de uma parcela dos trabalhadores de um tipo específico de plataformas. Nick Srnicek (2017) diferencia as plataformas entre aquelas que exploram o trabalho de micro tarefas de trabalhadores online, como a *Amazon Mechanical Turk*, por exemplo, e aquelas que exploram o trabalho com base local, como é o caso das plataformas de transporte ou entrega. Há, portanto, uma dimensão espacial no trabalho e,

consequentemente, na mobilização dos trabalhadores de plataformas de base local (CINI; GOLDMANN, 2020; HUWS, 2020; TASSINARI; MACCARRONE, 2020; NEGRI, 2021) que será objeto de debate nas próximas seções.

Vários autores tem apontado a importância de estudar a mobilização destes trabalhadores tendo por base um marco analítico que articule a sociologia do trabalho com as teorias dos movimentos sociais (CINI; GOLDMANN, 2020; TASSINARI; MACCARRONE, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; NEGRI, 2021; CINI, 2023). De certa forma, a sociologia do trabalho tem focalizado mais os aspectos da organização do processo de trabalho, não dando atenção de maneira satisfatória à agência dos trabalhadores quanto a sua própria organização política e mobilização. Assim, um conjunto de conceitos mobilizados pelas teorias de movimentos sociais, tais como repertórios de ação coletiva, enquadramentos, contexto sociopolítico e oportunidades políticas aparecem na bibliografia como uma forma de compreender os processos de mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo.

Os estudos apontam diversas formas de organização e atuação destes trabalhadores, que passam desde grupos informais de base local, associações de trabalhadores, sindicatos próprios da categoria ou participação em sindicatos mais amplos, até a construção de cooperativas com aplicativos próprios (CINI, 2023; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; KALIL, 2020; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020). No caso brasileiro, essa mesma diversidade de formas de organização é percebida, mas vê-se o predomínio das relações com sindicatos de motofretistas – formados anteriormente ao surgimento das plataformas no mercado nacional – e das associações de motoristas e entregadores (PEREIRA, E. J. R., 2022). No caso de Belo Horizonte não estão presentes nenhuma dessas formas de organização entre os entregadores, sendo apenas constituído um grupo informal de trabalhadores que se dedicam a intermediar as negociações com o aplicativo-empresa e fazer as mobilizações conhecidas como “Breques”, o que faz com que o estudo a partir do instrumental das teorias dos movimentos sociais seja ainda mais desejável para compreender a ação coletiva destes trabalhadores.

O texto que segue é dividido em quatro seções. Na primeira expomos os acúmulos teóricos quanto à descrição do processo de trabalho nas plataformas, de forma a explicitar as principais características que particularizam essa dinâmica de trabalho, como o controle algorítmico do trabalho, a diluição da fronteira do tempo de trabalho e lazer dos trabalhadores e a autonomia buscada pelos trabalhadores que os

mantém dispostos a esse tipo de regime de trabalho. Na segunda seção apontamos para uma dimensão espacial das plataformas e, por conseguinte, da mobilização dos trabalhadores. Em se tratando de plataformas com base local, para circulação de pessoas e mercadorias, trata-se majoritariamente de uma nova forma de organização de serviços urbanos. Dessa forma, percebe-se um impacto da cidade na efetivação do processo de trabalho das plataformas e o seu contrário, impactos dessa nova forma logística sobre o espaço e planejamento urbanos. Já na terceira nos dedicamos aos modelos explicativos sobre a mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo, descanado a emergência de uma solidariedade entre os trabalhadores, quer seja por motivos intrínsecos à dinâmica do trabalho, quer seja em consequência da composição social da força de trabalho. Nesta seção também nos dedicamos a apresentar os constrangimentos à ação coletiva, destacando os elementos que dificultam a construção de uma identidade coletiva e aumentam os custos de oportunidade para os atores se disporem a participar de uma mobilização. Por fim, na quarta seção, apontaremos as lacunas do campo para contribuir para que esta e outras pesquisas possam jogar luz nesses desafios.

1.1. Descrição do processo de trabalho nas plataformas

No que se refere à compreensão das particularidades do trabalho nas plataformas há um acúmulo do campo de estudos que aponta para um modelo de organização do trabalho que articula um controle algorítmico do trabalho e uma flexibilidade contraditória do vínculo do trabalhador com a empresa-plataforma baseada na remuneração por peça e diluição da separação entre tempo de trabalho e de lazer (ANTUNES, 2020; CANT, 2020; CHAN, 2021; KALIL, 2020; NEGRI, 2021; SILVESTRE; SANTOS NETO; AMARAL, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020; WOODCOCK, 2021).

O algoritmo é talvez a maior novidade no que se refere à organização do trabalho nas plataformas. Sem cair em um fetiche tecnológico que imputa todas as transformações sociais a um desenvolvimento técnico-científico, a plataformização só tem a dimensão que tem em função de um amplo espraiamento dos dispositivos smartphone e da conectividade simultânea. O algoritmo nada mais é que um conjunto de instruções para um processador que consegue realizar cálculos instantaneamente, conectando o trabalhador em tempo real com a cadeia produtiva. O controle exercido

pelo algoritmo sobre o processo de trabalho, portanto, se transforma num ativo de importância estratégica para as empresas-plataformas. Em razão dessa importância, as empresas mantêm o algoritmo opaco, não sendo possível saber quais os critérios utilizados pela plataforma para gerenciar o fluxo de trabalho, a composição da tarifa, o tempo e o ritmo do trabalho (CHAN, 2021; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020).

Uma das características apontadas a partir do controle algorítmico do trabalho é a *gameficação* deste, que consiste em uma estratégia das empresas-plataforma para aumentar a produtividade do trabalho mediante promoções e desafios para o prestador de serviço. O objetivo desta estratégia é ampliar a jornada de trabalho dos prestadores de serviço, garantindo um contingente mínimo a serviço da plataforma. Entre os impactos desta estratégia os autores salientam um deslocamento da linguagem laboral para uma linguagem de motivação, que busca esconder os vínculos de trabalho e o adoecimento dos trabalhadores, que aumentam em muito a jornada sem ter um incremento equivalente no retorno financeiro (ABÍLIO *et al.*, 2020; CHAN, 2021). A ampliação do tempo conectado à plataforma também gera um estado de alerta permanente nos trabalhadores, diluindo a separação entre o tempo de lazer e o tempo de trabalho, uma vez que o meio de trabalho é o próprio smartphone do trabalhador (CHAN, 2021; SILVESTRE; SANTOS NETO; AMARAL, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020).

Dentre as características que descrevem o processo de trabalho nas plataformas, uma das condições que mais chama a atenção é a autonomia. Por um lado, a bibliografia ressalta o teor ideológico que reveste a impressão de autonomia por parte dos trabalhadores. Tratar-se-ia, na visão destes autores, de uma falsa autonomia, funcional ao processo de maquiagem dos vínculos trabalhistas entre a empresa-plataforma e os trabalhadores (CHAN, 2021; CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021). Por outro lado, é recorrente a ênfase dada pelos trabalhadores de plataforma à autonomia como um dos critérios para sua entrada e manutenção nesse tipo de relação. Deste ponto de vista, a autonomia é compreendida tanto em sua dimensão imediata como a escolha por gerenciar o seu tempo de trabalho, tendo brechas na jornada para resolver questões de ordem pessoal ou mesmo podendo ampliar sua jornada para incrementar seus rendimentos a qualquer momento, quanto também há uma compreensão no campo de pesquisa de que essa valorização da autonomia é um indicativo de uma predisposição crítica à subordinação a um contrato

formal de trabalho e, principalmente, a um gerente e/ou patrão (KLUMPP; RUINER, 2018; CANT, 2020; CHAN, 2021). Aqui adotamos a noção de autonomia contraditória, evidenciando, assim, o caráter conflituoso de subjaz a relação do trabalhador com seu trabalho.

O modo de organização do trabalho por plataforma carrega consigo um conjunto de características que, se não impedem a ação coletiva dos trabalhadores, dificulta o reconhecimento de uma identidade coletiva. Essa forma de organização tende a fragmentar as atividades laborais, tornando difícil o estabelecimento de laços de solidariedade e colaboração entre os trabalhadores. Além disso, a ausência de uma regulamentação clara e de proteção trabalhista pode gerar desigualdades e precarização, como jornadas extenuantes, baixos salários e falta de segurança no trabalho (KALIL, 2020; TASSINARI; MACCARRONE, 2020). Vale ressaltar que essas condições aparecem também como demandas dos trabalhadores nos protestos que constituíram o Breque.

Há ainda uma segunda ordem de fatores que concorrem para a fragilidade da ação coletiva entre os trabalhadores por plataforma que advém da ação intencional e interessada das empresas-plataforma contra a associação dos trabalhadores. Há tanto constrangimentos políticos mais explícitos, como os bloqueios de contas de lideranças dos trabalhadores, como também o fomento da concorrência entre os trabalhadores, de forma a dificultar a coesão entre eles (CANT, 2020; CHAN, 2021; GROHMANN, 2020; SLEE, 2020; TASSINARI; MACCARRONE, 2020; WOODCOCK, 2021).

1.2. Dimensão espacial das plataformas e da mobilização dos trabalhadores

O trabalho em plataformas é fortemente associado ao setor de serviços. O impacto da plataformização se faz notar principalmente nos grandes centros urbanos, dada a infraestrutura disponível nessas cidades. As plataformas com base local impactam principalmente a área de logística da cidade, pois intermediam as relações entre produtores, centros de distribuição e consumidores finais com maior eficiência e sob demanda (HUWS, 2020; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020).

O setor de entrega de alimentos apresenta particularidades que complexificam a atuação das plataformas em sua logística, não podendo ser uma organização do

trabalho muito difusa, como o é na entrega de mercadorias. Isso se deve à necessidade de levar em consideração vários fatores específicos do transporte de alimentos, como o acondicionamento durante o transporte, sendo importante que uma parte dos alimentos sejam entregues o mais fresco possível, enquanto outros devem manter baixas ou altas temperaturas. Isto implica em que a logística do trabalho de entrega deve levar em conta a distância entre a produção e o consumo final, que idealmente deve ser a menor possível.

Equilibrar essa oferta de trabalhadores com a demanda de clientes distribuídos em todo o território urbano precisa de maior intervenção humana no gerenciamento dessa logística (KLUMPP; RUINER, 2018; HUWS, 2020; CHAN, 2021). Por outro lado, as plataformas também transformam a logística urbana, servindo como incentivo ao desenvolvimento e proliferação de tipos específicos de comércios, como *dark kitchens*, por exemplo, que são cozinhas sem atendimento ao público, apenas operando o serviço de entrega por meio, principalmente, das plataformas. Tal efeito foi particularmente intensificado com a pandemia do novo coronavírus: impossibilitados de atender ao público, vários restaurantes aderiram às plataformas para manter o seu funcionamento; outros até mesmo tiveram início nesse contexto já sob essa forma (HUWS, 2020).

Na organização do trabalho, os trabalhadores por plataforma não possuem um local específico de atuação. O seu local de trabalho é toda a cidade. Isto por um lado gera dispersão dos trabalhadores, dificultando o reconhecimento de uma identidade coletiva nas formas tradicionais (CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021). Por outro lado, gera nos trabalhadores, pelo processo de trabalho, um conhecimento sobre as regiões estratégicas para a logística urbana, potencializando as mobilizações que, neste ponto, não precisam acontecer em todos os lugares ao mesmo tempo, mas parando onde é mais central para a logística urbana, aumentando o impacto das ações coletivas (CINI; GOLDMANN, 2020).

Por último, a dimensão espacial do trabalho por plataformas também tem implicado uma maior relação destes trabalhadores com o contexto político e social *além do trabalho*, de forma que as mobilizações dos trabalhadores por plataformas leve em conta o apoio da comunidade local para defender suas pautas e tensionar o enquadramento de suas condições de trabalho (CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022).

1.3. A mobilização dos trabalhadores

A mobilização dos trabalhadores de plataforma tem sido explicada fundamentalmente por três mecanismos: a composição social da força de trabalho, a solidariedade e a insatisfação dos trabalhadores.

A composição social da força de trabalho consiste nas características sociais do contingente que é recrutado para o trabalho. Há aqui uma interação com a estrutura social de determinada sociedade. Nos países do norte global a maior parte dos trabalhadores por plataforma, como também os precarizados em geral, são imigrantes, legais ou ilegais. Essa característica tem contribuído para forjar uma identidade comum que potencializa a ação coletiva. (CANT, 2020; CHAN, 2021; NEGRI, 2021). Mesmo quando não são pertencentes a uma mesma nacionalidade, a localização social dos trabalhadores para além da relação de trabalho favorece uma integração que potencialmente fortalece a ação coletiva.

Dessas relações sociais para além do processo de trabalho é que emerge uma solidariedade inicial entre os trabalhadores por plataforma. O desenvolvimento dessa solidariedade se dá nas frestas das relações de trabalho, havendo aqui também uma componente espacial, visto que os trabalhadores, especialmente os de entrega, compartilham alguns poucos momentos de sociabilidade nas praças de alimentação e espaços de espera. É nessas frestas que desenvolvem uma solidariedade que pode se transformar em mobilização (CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020). Negri(2021) diferencia em dois momentos essa solidariedade interna ao grupo, um primeiro momento uma *solidariedade passiva* que seria marcada por trocas informais e cotidianas e um segundo momento, já marcada pela mobilização social, em que se transformaria em *solidariedade ativa* e implicaria em maior coesão e disposição para as mobilizações sociais. A nosso ver há um *continuum* entre uma dimensão cotidiana dos laços sociais e a solidariedade implicada nas mobilizações, que não permite uma separação drástica entre um e outro comportamento.

Por último, um dos fatores que contribuem para explicar a mobilização dos trabalhadores é a insatisfação com o trabalho. Quanto maior a insatisfação com as condições de trabalho, maior a predisposição dos trabalhadores se engajarem em ações coletivas (NEGRI, 2021).

O campo de estudos sobre a mobilização de trabalhadores por plataforma tem compreendido que as diferenças organizacionais entre as diversas experiências de mobilização destes sujeitos são sobretudo determinadas pelo contexto sociopolítico em que os trabalhadores se inserem. Dentre os fatores determinantes dessa diferenciação estão a relação com sindicatos tradicionais e a cultura política local (CINI, 2023; CINI; GOLDMANN, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; KALIL, 2020; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020). Além disso, algumas características têm chamado a atenção para descrever os ciclos de mobilização dos trabalhadores por plataforma, como a articulação de mobilizações na rua em conjunto com o desligamento e avaliação negativa do aplicativo nos smartphone (KALIL, 2020; TASSINARI; MACCARRONE, 2020).

1.4. Algumas lacunas do campo

Nesta seção, apontamos algumas lacunas e limitações nos estudos sobre a mobilização dos trabalhadores de plataforma. Em geral, as lacunas estão relacionadas a três direções. Primeiro, a questão da validade científica dos estudos, incluindo a necessidade de mais pesquisas quantitativas, bem como questões relacionadas à representatividade estatística e amostragem dos estudos. Em segundo lugar, há lacunas temáticas que precisam ser aprofundadas nos estudos sobre a composição social do trabalho nas empresas-plataforma. Por fim, há uma direção para que novos estudos foquem mais na ação coletiva dos trabalhadores de plataforma, com uma integração mais robusta do instrumental analítico da teoria dos movimentos sociais com a sociologia do trabalho.

No primeiro grupo de lacunas, aquele referente à validação científica do campo, temos quatro principais argumentos. Lorenzo Cini e Bartek Goldmann (2020) dão ênfase à fragilidade atual do campo científico quanto, principalmente, à amostragem. Primeiramente, os estudos empíricos sobre a mobilização dos trabalhadores de plataforma tem sido estudos de caso locais, enquanto já há indícios de que essas mobilizações tem tido articulação em escala nacional e até mesmo transnacional (KALIL, 2020; NEGRI, 2021); portanto, focalizam uma questão de escala da amostragem a que o campo científico tem conseguido abarcar. Ainda sobre a amostragem, os autores apontam que há uma limitação também na escolha dos casos em estudo, que não contemplam satisfatoriamente os casos em que os sindicatos

tradicionais são os atores principais na mobilização dos trabalhadores plataformizados. Há, portanto, uma fragilidade quanto ao potencial de generalização dos estudos sobre os trabalhadores de plataforma, ainda mais quando tenta-se abranger o foco para as plataformas sem base local – “*crowdsourced*” (CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022).

Por fim, quanto à validação científica dos estudos sobre a mobilização dos trabalhadores de plataforma, há um forte apontamento para que mais estudos sejam feitos e, principalmente, com um maior número de casos (ABÍLIO *et al.*, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; HUWS, 2020), para que dessa forma o campo de estudos ganhe massa crítica e tenha melhores condições para a compreensão e explicação do fenômeno. Concordamos com o apontamento e, mesmo em se tratando de um estudo de caso de uma única cidade, orientamos nossa pesquisa tendo esta preocupação em mente, tendo a compreensão das fragilidades quanto a abrangência de nossos resultados em relação ao campo de estudos. Também em função desta observação buscamos ampliar as fontes de coleta de nossa pesquisa, incorporando a coleta de material noticioso e também de outras formas de expressão dos próprios trabalhadores de entrega por aplicativo.

Uma segunda lacuna identificada pela bibliografia diz respeito à descrição do processo de trabalho nas plataformas. É importante entender melhor como o trabalho é organizado e quais são as demandas e desafios específicos enfrentados pelos trabalhadores nesse contexto. Além disso, é necessário analisar a composição social dos trabalhadores nas plataformas, levando em consideração marcadores sociais de desigualdade, como gênero, raça e migração (ABÍLIO *et al.*, 2020; CHAN, 2021; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020). Essa nova agenda de pesquisa pode contribuir para uma compreensão mais aprofundada dos mecanismos de exploração e opressão que afetam os trabalhadores das plataformas, dentro ou fora do processo de trabalho, bem como das possibilidades de atuação dos trabalhadores, especialmente no que concerne à relação com o contexto sociopolítico em que estão inseridos e à articulação com a comunidade política local.

Considerando que a plataformização do trabalho opera principalmente no setor de serviços urbanos, há uma agenda de pesquisas ainda muito incipiente sobre os seus impactos na logística de entregas, sejam de mercadorias frescas (alimentação), que demandam uma série de cuidados particulares como o acondicionamento, a proximidade entre a produção e o consumo final e a distribuição da infraestrutura em

solo urbano, quanto também das mercadorias em geral, que tem um grau de concentração maior e uma distância maior entre os centros de distribuição e o consumidor final (CHAN, 2021; HUWS, 2020; KLUMPP; RUINER, 2018).

Há, por último, uma lacuna a ser preenchida sobre os impactos da plataformização e a gestão pública dos serviços urbanos. Os algoritmos são de propriedade privada e são opacos para o poder público, o que pode ocasionar dificuldades no planejamento e execução de políticas públicas de interesse comum (HUWS, 2020; SLEE, 2020).

O terceiro grupo de questões apontadas pela bibliografia se refere especificamente aos estudos sobre a ação coletiva dos trabalhadores de plataforma. Embora esta temática venha sendo crescentemente abordada, há ainda um conjunto de temas que carecem de maior aprofundamento, buscando, principalmente, identificar os elementos mais comuns entre os trabalhadores dos diferentes tipos de plataforma e os mecanismos causais das mobilizações destes trabalhadores.

A questão da emergência de uma identidade coletiva e uma solidariedade de interesses entre os trabalhadores em plataformas de trabalho online e com base local é uma questão complexa e desafiadora. O trabalho nessas plataformas é tipicamente individualista e disperso, o que dificulta a formação de laços coletivos entre os trabalhadores. Apesar disso, algumas pesquisas têm identificado elementos que podem contribuir para a criação de uma identidade coletiva, como a participação em fóruns de discussão, a articulação com sindicatos locais e a relação com grupos de apoio local, inclusive com participação de consumidores finais em defesa de interesses comuns (CINI; GOLDMANN, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; KALIL, 2020). Ainda assim, os estudos são incipientes para a compreensão da emergência de uma solidariedade entre os trabalhadores, carecendo de maiores aprofundamentos sobre as relações sociais entre os trabalhadores plataformizados, especialmente de forma longitudinal (TASSINARI; MACCARRONE, 2020) e um maior foco do campo sobre as formas organizativas e suas determinações do que sobre as práticas de ação coletiva, avançando principalmente para a compreensão dos mecanismos causais da mobilização dos trabalhadores nas plataformas com base local (CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; NEGRI, 2021).

As lacunas apresentadas reforçam a necessidade de novas pesquisas com a temática da mobilização dos trabalhadores de plataforma que possam contribuir para uma compreensão mais ampla deste fenômeno que tem impactos nas novas

configurações do mercado de trabalho, mas também na sociabilidade humana, principalmente nos grandes centros urbanos.

2. UMA ABORDAGEM DAS TEORIAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

A Sociologia do trabalho quando aborda o trabalho subordinado às plataformas tem feito um esforço em descrever os processos de subordinação e exploração do trabalho, tendo poucos estudos sobre os processos de resistência dos trabalhadores. O processo de resistência dos trabalhadores de entrega por aplicativo toma contornos de movimento social à medida em que não podem se constituir enquanto uma organização exclusivamente sindical.

Há um movimento no interior do campo de estudos da sociologia do trabalho – ou *Industrial Researches* – dos Estados Unidos que compreende que, à medida em que os direitos trabalhistas vão sendo retirados e a condição dos trabalhadores vai sendo precarizada, as Teorias dos Movimentos Sociais (TMS) parecem mais adequadas para compreender o fenômeno. Isto, pois, parte da precarização do trabalho passa também pela desconstituição das ferramentas de mobilização e organização dos trabalhadores, principalmente os sindicatos. Ademais, o próprio sindicalismo toma contornos de movimento social quando prioriza em seu fazer agendas que englobam a totalidade das classes populares e não mais apenas as categorias representadas. A questão social se impõe frente às demandas corporativas e, nesse sentido, o próprio movimento sindical é mais bem compreendido a partir das TMS.

As teorias dos movimentos sociais surgem no pós Segunda Guerra Mundial, principalmente na década de 1960 com a emergência de lutas sociais mais amplas que pautam demandas pós-materiais. O conflito político haveria migrado de pautas redistributivas para demandas acerca da sociabilidade e da cultura, que focalizam não mais o Estado ou os patrões, mas a opinião pública. Com o decréscimo de processos revolucionários, surge na teoria social um arcabouço teórico que busca compreender a especificidade dos movimentos emergentes, em especial na Europa e nos Estados Unidos da América (ALONSO, 2009). As TMS surgem do questionamento crítico frente às duas matrizes até então hegemônicas da análise sociológica sobre a ação coletiva, a funcionalista de um lado e a marxista de outro. Enquanto a primeira busca uma visão totalizante e orgânica da sociedade, priorizando a dimensão da unidade social e a adequação dos tipos sociais ao metabolismo social capitalista; a segunda prioriza o conflito entre classes sociais antagônicas, também sob uma perspectiva

holística da sociedade, mas enfocando, sobretudo, a transformação da ordem social (ALONSO, 2009; GALVÃO, 2008).

Em que pese a origem comum e o compartilhamento de um núcleo de críticas e posturas frente ao holismo metodológico que opaca a agência dos sujeitos, há, no interior das Teorias dos Movimentos Sociais, diversas abordagens, até mesmo antagônicas, que se diferenciam pelas concepções acerca do objeto e, por conseguinte, pelos conceitos utilizados. Neste trabalho faremos uso de conceitos de mais de uma abordagem, não nos filiando a nenhuma interpretação em particular, por acreditar que o instrumental teórico das abordagens aqui mobilizadas podem ser complementares para a descrição e a compreensão do caso em estudo, beneficiando-nos do uso dos conceitos característicos de algumas das abordagens mais proeminentes das TMS.

Sendo assim, buscaremos compreender o ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte a partir dos conceitos de Recursos, advindo da Teoria da Mobilização de Recursos (TMR), Repertórios, proveniente da Teoria do Confronto Político (TCP), Enquadramento ou Molduras Interpretativas da Ação Coletiva, uma abordagem do interacionismo simbólico sobre a ação coletiva, além do conceito de Ciclo de Protestos, também advindo da TCP.

Nas seções a seguir buscaremos defender a perspectiva da utilização das Teorias dos Movimentos Sociais em articulação com a sociologia do trabalho como forma de compreender a agência dos trabalhadores. Em seguida vamos expor os conceitos citados acima, localizando as abordagens teóricas que lhes deram origem.

2.1. Articulação da teoria dos movimentos sociais com a sociologia do trabalho

A abordagem da sociologia do trabalho tem como foco principal a organização do processo de trabalho, incluindo aspectos como tecnologia, hierarquia, controle e divisão de tarefas. No entanto, essa abordagem tem sido criticada por não dar atenção suficiente à agência dos trabalhadores e à sua capacidade de se organizar politicamente e mobilizar em torno de suas demandas (GAHAN; PEKAREK, 2013; NEGRI, 2021; CINI, 2023). Esse ponto de vista negligencia as contradições e conflitos que surgem no local de trabalho e que podem levar os trabalhadores a se mobilizar.

Além disso, a sociologia do trabalho muitas vezes ignora o papel do Estado e de outros atores sociais na regulação do trabalho e na criação de condições favoráveis ou desfavoráveis para a mobilização dos trabalhadores.

Apesar de fundamental para a descrição dos processos de trabalho, a sociologia do trabalho, internacionalmente, tem focado suas análises a partir dos atores institucionais, buscando compreender o desenvolvimento das relações de trabalho em si mesmas. Desta forma não capta com a devida importância os contextos mais amplos em que os trabalhadores se inserem – como suas relações nos bairros, por exemplo, ou seus antecedentes em participação em outras ações coletivas – e tampouco se aprofunda sobre as diferenças entre a atuação de um setor “protegido” dentre os trabalhadores – por ter acesso a direitos de proteção social conferidos por um contrato formal de trabalho – e os trabalhadores informais ou precários (CINI; GOLDMANN, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022). Ademais, há diferenças entre a situação de trabalho no norte e no sul Global que é pouco observado pela sociologia do trabalho no que se refere ao trabalho em plataformas (ANTUNES, 2020; NEGRI, 2021).

Para compreender os processos de mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo é necessário incorporar uma perspectiva mais ampla que leve em consideração tanto a organização do trabalho quanto o contexto socioeconômico e político em que esses trabalhadores estão inseridos. As teorias dos movimentos sociais são um marco analítico importante neste sentido. Essas teorias enfatizam a agência dos trabalhadores e a importância de analisar a construção das identidades coletivas e dos repertórios de ação coletiva (TASSINARI; MACCARRONE, 2020; CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021; CINI, 2023) e têm se demonstrado mais adequadas para as pesquisas à medida em que fornecem um instrumental analítico para a compreensão do atual ciclo de protestos dos trabalhadores de plataformas, marcado fortemente por uma baixa participação em sindicatos, emergência de novos atores e protestos muito virulentos (CINI, 2023).

Os conceitos de repertórios de ação coletiva, enquadramentos, recursos e ciclo de protesto são fundamentais para compreender os processos de mobilização desses trabalhadores. Por meio desses conceitos, podemos analisar como os trabalhadores de entrega por aplicativo constroem suas reivindicações, se organizam politicamente e mobilizam em torno de suas demandas. As teorias dos movimentos sociais também permitem entender como os trabalhadores de entrega por aplicativo se posicionam

em relação a outros atores sociais, como o Estado, as empresas de tecnologia, os sindicatos e os movimentos sociais mais amplos (CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; CINI, 2023)

2.2. Recursos e Repertórios de Ação Coletiva

A teoria da mobilização dos recursos pode ser considerada uma continuidade do pensamento de Olson para a análise dos movimentos sociais. É dizer, a TMR coaduna com a revolução marginalista de explicação racional nas ciências humanas. Ou seja, é a expressão no campo dos movimentos sociais do modelo de explicação sociológico da escolha racional, calcado sobremaneira no individualismo metodológico.

Nesta perspectiva os movimentos sociais são compreendidos como grupos que mobilizam atores para a efetivação de interesses (GOHN, 2007). A explicação foca prioritariamente sobre a escolha dos indivíduos em se engajar numa ação coletiva, tendo a organização do movimento social o papel de mobilizar recursos para viabilizar a participação e a associação dos indivíduos (ALONSO, 2009). Daí a busca por vantagens para associados à uma organização.

A TMR ignora aspectos históricos que podem estar envoltos na maior ou menor participação política da sociedade civil, bem como não leva em conta em suas análises atributos culturais dos movimentos sociais que caracterizam a sua ação coletiva (ALONSO, 2009). A despeito de sua abordagem ancorar-se na escolha racional para explicar a ação coletiva, a TMR busca explicar os recursos utilizados para sustentar ao longo do tempo a ação coletiva dos movimentos sociais, deslocando a questão da ação coletiva para uma problemática da ordem organizacional (NOGUEIRA, 2016). Dessa forma, os movimentos sociais são encarados como organizações coletivas sem nenhuma particularidade, considerados tal qual agentes econômicos que disputam recursos em um mercado específico, junto a outras organizações políticas e movimentos sociais.

Na teoria da mobilização de recursos, recursos se referem a tudo o que uma organização ou grupo pode usar para atingir seus objetivos e realizar suas atividades. Isso inclui pessoas, dinheiro, tempo, espaço, conexões políticas, mídia e outros tipos de recursos. A teoria da mobilização de recursos argumenta que a disponibilidade de

recursos é crucial para o sucesso de um movimento social, pois permite que ele alcance suas metas e realize suas ações (GOHN, 2007).

Por sua vez, a Teoria do Confronto Político (TCP) é uma abordagem que busca colocar no centro da explicação o contexto político da atuação dos movimentos sociais. Em certa medida seu surgimento é em resposta aos limites da Teoria da Mobilização de Recursos e demais abordagens focadas sobretudo na adesão dos indivíduos às ações coletivas, mas que ignoravam os elementos históricos e culturais dessa adesão (NOGUEIRA, 2016). Em seu desenvolvimento a Teoria do Confronto Político já foi nomeada como Teoria das Oportunidades Políticas ou Teoria do Processo Político, enfatizando o foco que esta abordagem dá ao contexto na estruturação dos movimentos sociais. Hoje, após debates com expoentes de outras vertentes e autocrítica de seus principais formuladores, a TCP assume também a centralidade do conflito na ação coletiva.

As mudanças no ambiente político potencializam ou restringem a ação política dos movimentos sociais, condicionando a sua sustentação ao longo do tempo. A esse comportamento de maior ou menor abertura à participação social da sociedade civil é dado o nome de Oportunidades Políticas. As oportunidades podem ser compreendidas como estruturais, quando dizem respeito a aspectos de longo prazo da relação entre as instituições políticas, especialmente da relação entre o Estado e a sociedade civil, e da cultura, dimensão, portanto, que apresenta maior resistência às transformações pelos atores políticos. Por outro lado, há as oportunidades políticas compreendidas dinamicamente, que contemplam aspectos mais voláteis do ambiente político, como a relação com eventos, divisões entre as elites políticas e conformações de articulações nas instituições políticas. Estas Oportunidades Políticas mudam mais facilmente e estão no escopo das ações dos movimentos sociais (ALONSO, 2012).

Em um arranjo de oportunidades políticas favoráveis, grupos de interesse tem melhores condições de expressar suas reivindicações e mobilizar seu contingente no ambiente político. Uma contribuição importante da TCP para compreender a emergência de atores políticos é que nesta abordagem os agentes não existem a priori, mas se formam no confronto político (ALONSO, 2009). Neste sentido, o contexto histórico é determinante para o surgimento dos movimentos sociais.

Uma segunda contribuição da TCP que aparece também como crítica aos limites da TMR é a incorporação de aspectos culturais na explicação da ação coletiva. Neste sentido, desenvolvem o conceito de repertório, que busca sintetizar as formas

pelas quais as ações coletivas foram se transformando no decorrer da história. Repertório então é um conjunto de formas de ações coletivas que são compartilhadas por diferentes sujeitos e mobilizadas em contextos de confronto político (NOGUEIRA, 2016).

2.3. Enquadramento ou Molduras Interpretativas de Ação Coletiva (MIAC)

Diferentemente dos conceitos anteriores, o conceito de enquadramento não foi formulado originalmente por uma teoria dos movimentos sociais, mas sim como uma noção para compreender a origem interacionista do comportamento. Assim, teve origem na psicologia de Gregory Bateson(1955), buscando compreender o fenômeno da esquizofrenia. Em linhas gerais, a noção de enquadramento busca ancorar como quadros de sentidos moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos.

É no interacionismo simbólico de Erving Goffman que o conceito ganha força como Análise de Enquadramento (GOFFMAN, 1986). A microsociologia de Goffman está focada em explicar as interações sociais, principalmente cotidianas. E, para tal, a noção de enquadramento ganha contorno como aquele conjunto de sentidos solidariamente constituídos pelas interações sociais e que regem a situação conformando expectativas e dirigindo a ação dos atores. Em que pese não serem fixos, os enquadramentos não podem ser alterados pela simples vontade dos agentes.(MENDONÇA; SIMÕES, 2012).

O conceito foi introduzido para os estudos das ações coletivas e movimentos sociais já na década de 1980 por William Gamson, Robert Benford e David Snow, destacando o papel dos enquadramentos interpretativos para a composição dos movimentos sociais. A proposta apresentada é a de que o engajamento e a adesão dos indivíduos aos movimentos sociais se dá por convergência no plano interpretativo, ou seja, pela coerência com o enquadramento da ação coletiva (BENFORD; SNOW, 2000; PEREIRA, M. M., 2014; SILVA; COTANDA; PEREIRA, 2017). Desta forma, as molduras interpretativas de ação coletiva teriam como objetivo “*mobilizar potenciais aderentes e constituintes, conquistar o suporte dos espectadores e desmobilizar antagonistas*” (Benford e Snow apud PEREIRA, M. M., 2014, p. 2).

Mendonça e Simões (2012) categorizam três grandes vertentes na operacionalização deste conceito, destacando uma primeira vertente composta por

estudos que analisam a situação comunicativa na interação, uma segunda vertente na qual as pesquisas utilizam do conceito de enquadramento para a análise de conteúdo discursivo e uma terceira vertente focada no uso do enquadramento como estratégia de discurso.

O conceito de enquadramento pode contribuir para a compreensão da forma com que as lideranças dos movimentos sociais criam e disputam as molduras interpretativas de seu contexto contencioso, identificando no confronto quais as categorias interpretativas estão em litígio entre as partes (RIBEIRO, 2022).

Nesta pesquisa buscamos utilizar do conceito de enquadramento segundo uma forma de compreensão do contexto em que se insere o Breque dos Apps, procurando analisar os discursos, tanto midiáticos quanto dos próprios trabalhadores de entrega por aplicativo, sobre as condições de trabalho que justificam, ou não, as paralisações e mobilizações, as pautas demandadas pelos Breques e os discursos sobre as empresas-plataforma. Assim buscamos compreender os sentidos e interpretações que moldam o contexto político em que se dá o Breque dos Apps.

2.4. Ciclo de Protestos

O conceito de ciclo de protesto também advém da Teoria do Confronto Político e é fundamental, dentro da referida teoria, para a compreensão do processo de mudança social e da emergência dos movimentos sociais. Neste conceito estão embutidas as ideias de repertório de confronto e de oportunidade política, já apresentadas anteriormente, de forma que o ciclo de protesto pode ser determinado como a fase em que o confronto político ganha escala, observa-se um ritmo acelerado de inovações nos repertórios de ação coletiva e há uma adesão crescente de participantes ao movimento social, desafiando o *status quo*, aproveitando o alargamento das oportunidades políticas (TARROW, 2009; SOARES, 2017).

O ciclo conta com uma fase de ascensão e uma fase de encerramento, chamadas também de mobilização e desmobilização, respectivamente. Há aqui uma noção de temporalidade – um ciclo de protesto necessariamente é um fenômeno temporário e que tende a um fim, exceto em processos revolucionários, quando o ciclo abre de tal forma as oportunidades políticas que a luta pelo poder social se torna uma luta aberta.

Tarrow (2009) chama a atenção de que um ciclo tem início quando o conflito político se generaliza e vários grupos de “insurgentes” expõe suas reivindicações e dão origem à coalizões com atores diferentes que põe em cheque a estabilidade da elite. A dimensão e o escopo do confronto se intensificam a tal ponto que os grupos originais do ciclo já não têm controle sobre o seu desenvolvimento e, no ápice do ciclo, grupos sociais menos afeitos à revolta aderem aos protestos.

Já a fase de desmobilização é mais complexa e carece de uma explicação mais derradeira, pois os ciclos podem terminar por dinâmicas internas ou por atores externos que podem intervir para um fim abrupto do mesmo. Quanto aos fatores internos, Tarrow aponta para três mecanismos presentes na maior parte das vezes, que são: exaustão ou divisão interna; violência ou institucionalização e repressão ou facilitação (TARROW, 2009). A exaustão é o mecanismo mais simples de fim de um ciclo e tem a ver com os custos crescentes de participação em um confronto político, o que tende a gerar desmobilização dos setores menos ativos e divisão dos líderes à medida em que o movimento cresce e se organiza. A divisão pode se dar em torno do maior ou menor grau de uso da violência como tática do movimento, tendendo a que setores mais moderados institucionalizem o movimento para garantir as vitórias parciais e o apoio das massas enquanto setores mais radicais explorem táticas de confronto cada vez mais violentas para manter o apoio dos novos militantes e tentar, assim, evitar o declínio da ação conflitiva. Por último, há que se considerar a ação do Estado, que pode selecionar quais demandas facilitar e quais reprimir, incidindo sobre as dinâmicas do movimento social (TARROW, 2009).

O conceito de ciclo pode ser utilizado em diversas escalas e tem sido utilizado com sucesso em estudos sobre o confronto político a nível nacional, como que para caracterizar grandes épocas do ativismo no Brasil. Assim a literatura brasileira tem considerado alguns grandes ciclos de protestos como os das Diretas Já, em 1984; o ciclo em torno do impeachment de Fernando Collor no início da década de 1990; e mais recentemente as jornadas de protestos de Junho de 2013 (SOARES, 2017). Neste trabalho a escala do confronto será limitada às manifestações dos trabalhadores de entrega por aplicativo durante a emergência sanitária imposta pela pandemia do novo coronavírus entre os anos de 2020 e 2022.

3. METODOLOGIA

Nesta pesquisa adotamos uma abordagem qualitativa que buscou compreender o ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte, entre os anos de 2020 e 2022, conhecido como Breque dos Apps. Nesta seção explicaremos como se deu a metodologia da pesquisa, passando primeiramente por uma breve explicação da abordagem qualitativa utilizada para depois apresentar o percurso metodológico. Também caracterizamos os instrumentos de coleta e descrevemos o processo de entrada em campo. Por último, finalizamos apresentando a construção do Instrumental Analítico adotado nesta pesquisa.

A pesquisa qualitativa guarda uma coerência para com o paradigma científico pós-positivista(ADU, 2019). Esta coerência, observada nas variadas abordagens da pesquisa qualitativa, pode ser enunciada nos seguintes termos: (a) a realidade é múltipla e há diferentes formas de enxergá-la; (b) toda realidade, e, portanto, todo conhecimento, só pode ser apreendido de forma contextual e (c) há uma influência recíproca entre pesquisador, participante e fenômeno estudado no fazer científico que resulta na impossibilidade de um fazer científico sem implicações no fenômeno estudado.

A pesquisa qualitativa é, portanto, um esforço de interpretação de fenômenos a partir de símbolos e significados que devem ser analisados por conceituação, buscando construir teorias e explicação pelas conexões entre as categorias da conceituação. Assim, necessita de uma etapa descritiva, mas não se limita a ela. Isso implica que o conjunto dos significados levantados pela coleta numa pesquisa qualitativa devem ser agrupados e categorizados(DEY, 2005), e, a partir disto construir relações entre essas categorias que forneçam uma explicação ao fenômeno estudado.

O percurso metodológico que adotamos foi composto por uma fase exploratória, em que foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática do trabalho por plataformas digitais e uma entrevista preliminar com uma liderança dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte. Em seguida, foi feito um balanço bibliográfico focado em estudos de natureza empírica que abarcassem a temática da mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo em diversas regiões do mundo. A terceira etapa da pesquisa constituiu-se em entrevistas semiestruturadas com lideranças dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo

Horizonte. Por último, achou-se por bem ampliar os instrumentos de coleta, dando maior robustez aos resultados encontrados, então coletamos (a) depoimentos públicos de entregadores em canais de *Youtube*, quer sejam dos próprios entregadores, quer sejam de meios de comunicação e (b) notícias sobre o “breque dos apps” disponíveis em acesso público na internet. Assim, nossos instrumentos de coleta se relacionam com nossos objetivos específicos da seguinte forma:

Quadro 1 - Instrumentos de Coleta

INSTRUMENTO DE COLETA	QUANTIDADE	CRITÉRIOS DE SELEÇÃO	OBJETIVO ESPECÍFICO
Entrevistas com lideranças de entregadores por aplicativo em Belo Horizonte	5	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa na organização de algum dos breques em BH • Indicação referendada por alguma liderança 	Objetivo Específico 1, 2 e 3
Depoimentos de entregadores em vídeos na internet	10	<ul style="list-style-type: none"> • Ser um entregador falando • Assunto ser o breque dos apps • Período de 2020 a 2022 	Objetivo Específico 1 e 2
Notícias sobre o Breque dos Apps	18	<ul style="list-style-type: none"> • Tratar sobre o Breque dos Apps – e não sobre o trabalho precarizado • Ser de acesso público – não havendo paywall • Período de 2020 a 2022 	Objetivo Específico 2

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 5 lideranças dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte. Esse método de coleta tem sido muito utilizado nas pesquisas sobre movimentos sociais, haja vista que muitas das informações sobre a ação destes movimentos e das motivações de seus integrantes não estão disponíveis por outras fontes (VENTURINI, 2022).

O objetivo de compreender o processo de formação do ciclo de protestos justifica a busca por realizar as entrevistas com as lideranças, com os sujeitos bem-informados sobre o processo de realização daqueles eventos. O termo liderança aqui é entendido como protagonismo no interior do movimento durante a construção das ações do *Breque*, haja vista que a falta de uma organização formal ou de uma sedimentação do processo organizativo destes trabalhadores não permitem, ainda, a consolidação de uma relação líder-massa ou outros mecanismos de representação política no interior do movimento. Portanto, a amostragem desta pesquisa foi intencional, considerando a busca ativa não aleatória pelos respondentes, os quais

foram selecionados por indicação dos respondentes antecedentes, compondo o método de bola de neve já consolidado nas ciências sociais (VENTURINI, 2022).

O iFood possui duas modalidades de organização do trabalho de entrega, a primeira e mais comum é a modalidade Nuvem, em que o entregador não possui uma base territorial fixa, não tem nenhuma supervisão humana sobre o seu trabalho e não tem horário predeterminado para sua jornada; a segunda modalidade é o Operador Logístico, em que o trabalhador é lotado em uma praça de entrega específica, atendendo a uma determinada região, sob supervisão de um gerente da praça e tendo uma jornada predeterminada. A praça de entrega é de responsabilidade de uma empresa terceirizada, que faz a intermediação entre os entregadores e a empresa-aplicativo. Nossa pesquisa conseguiu alcançar lideranças tanto de uma quanto de outra modalidade.

Em se tratando de entrevistas semiestruturadas, o roteiro (em anexo) foi construído como um subsídio para estimular o diálogo com os respondentes, mas não seguido de forma rígida. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento dos respondentes, depois transcritas na íntegra. Apenas uma das entrevistas foi feita de forma virtual, haja vista que o respondente mudou de estado e mesmo assim se dispôs a participar da pesquisa, todas as demais foram feitas presencialmente em locais públicos nas proximidades dos locais em que os respondentes são habituados a iniciar as jornadas de trabalho, diminuindo ao máximo o estorvo de deslocamento aos respondentes. Todos os entrevistados registraram o consentimento mediante o Termo de Consentimento Livre Esclarecido que segue em anexo. Os nomes dos entrevistados e de todos os citados em quaisquer das entrevistas foram mantidos em anonimato mediante a alteração por codinomes.

Quadro 2 - Caracterização dos entrevistados

Nome*	Data	Aplicativo	Modalidade	Região de cobertura
Bruna Souza	25/05/2022	iFood	Operador Logístico	Buritis
Conde	14/11/2022	iFood	Nuvem	Centro-Sul**
Danilo	16/11/2022	Rappi	- ***	Centro-Sul
Evandro	18/01/2023	iFood e autônomo	Nuvem	Pampulha
Tiago	19/01/2023	iFood	Nuvem	Barreiro

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

* Nomes designados para manter o anonimato

** Este entregador não reside mais em Belo Horizonte, mas quando participava das paralisações a sua região de cobertura era a centro-sul.

*** No aplicativo da Rappi a modalidade de entrega é diferente, não havendo essa distinção entre Operador Logístico e Nuvem.

O segundo instrumento de coleta foram vídeos com depoimentos de trabalhadores de entrega por aplicativo sobre as paralisações do Breque durante os anos de 2020 a 2022. Esta coleta teve como objetivo contribuir para a compreensão do ciclo de protesto a partir do ponto de vista dos entregadores, buscando também enfrentar o viés de seleção das entrevistas, dando, assim, maior robustez à análise dos dados. Utilizamos como critério de seleção dos vídeos três condições que deviam ser atendidas simultaneamente: (a) Ser um depoimento autoral de um entregador, (b) tratar sobre as paralisações do Breque e (c) ter sido publicado entre 2020 e 2022.

Muitos entregadores também mantêm canais no *Youtube*, construindo um tipo específico de mídia, que são os chamados “motovlog”. Neste tipo de vídeo são comuns a descrição do cotidiano de entregas, bem como dicas sobre o trabalho e sobre os cuidados com a moto. A existência desse nicho específico possibilitou a efetivação deste instrumento de coleta que foi complementado também por vídeos de entrevistas a meios de comunicação tradicional, desde que atendessem os critérios acima descritos.

Os vídeos foram transcritos na íntegra e depois analisados, tendo seus trechos extraídos para compor o banco de dados para a codificação. Por se tratar de material público e disponível amplamente pela internet, optou-se por não tratar com anonimato estes vídeos.

Quadro 3 - Caracterização dos vídeos

Título	Canal	Tipo do Canal	Data
Greve nacional dos entregadores	TICOLOKO MOTOKA	Motovlog	17/06/2020
Paralisação dos entregadores de aplicativos – minha humilde opinião	WILLMOTOVLOG23	Motovlog	21/06/2020
Greve dos entregadores – Você é a favor ou contra?	IAGUI MOTOVLOG	Motovlog	24/07/2020

Breque dos Apps em Brasília	Jornalistas Livres	Imprensa	22/07/2020
Breque dos Apps	DOC DE DOMINGO	Imprensa	10/08/2020
'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa	Folha de S. Paulo	Imprensa	26/02/2021
Breque dos App completa um ano	Brasil de Fato	Imprensa	01/07/2021
Greve dos entregadores no Brasil – Breque dos App Nacional	RALF MT	Motovlog	11/09/2021
Como fazer Greve dos aplicativos na sua cidade (ifood, rappi, uber direct)	RALF MT	Motovlog	20/03/2022

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Por fim, o último instrumento de coleta utilizado foram notícias vinculadas em sites de meios de comunicação entre os anos de 2020 e 2022. Esta coleta teve como objetivo principal identificar o enquadramento do conflito entre os trabalhadores de entrega por aplicativo e as empresas-plataforma no bojo dos acontecimentos do *Breque dos App*, visualizando como o conflito foi abordado pela imprensa, não necessariamente em Belo Horizonte, mas sim quanto ao enquadramento nacional do *Breque dos App*. Como critérios para seleção do material analisado utilizamos: (a) matérias abordando as paralisações e o breque dos apps, (b) acesso público ao material, não sendo necessário passar por barreiras de *paywall* (barreiras que impedem o acesso a não assinantes) e (c) vinculação entre os anos de 2020 e 2022.

Nesta etapa selecionamos 18 matérias a partir de pesquisa pelo buscador de notícias *Google* calibrando os operadores booleanos para a pesquisa com os termos exatos “Breque dos apps” e ajustando o período de notícias de 01/01/2020 a 31/12/2022. Os resultados da pesquisa apontaram 72 matérias, as quais foram submetidas aos critérios acima descritos e analisadas segundo mecanismo semelhante à saturação teórica, em que deixamos de recolher novas amostras assim que o conteúdo apresentado não trouxe novos aportes à pesquisa. As notícias foram analisadas, quando, então, extraímos os trechos mais significativos para nossos objetivos específicos, incluídos em nosso banco de dados e posteriormente receberam o tratamento de codificação junto as demais coletas.

Quadro 4 - Caracterização das notícias

Veículo	Quantidade de Registros	Período das matérias
BBC NEWS	1	22/06/2020
Brasil de Fato	3	29/06/2020 – 14/10/2021
Brasil Debate	1	01/07/2020
El País	3	28/06/2020 – 02/07/2020
Esquinas	1	09/09/2020
Folha de S. Paulo	1	31/03/2022
Le Monde Diplomatique Brasil	1	27/07/2020
O Globo	1	11/06/2021
O Tempo	1	02/04/2022
Outras Palavras	1	17/03/2022
Ponte Jornalismo	1	20/09/2021
Rede Brasil Atual	3	02/07/2020 – 25/07/2020

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Como pode ser observado, os instrumentos de coleta 2 e 3 não se restringem à Belo Horizonte. Optamos por isto haja vista o Breque ter sido um ciclo de protestos nacionais, em que pese as particularidades da construção em cada território. Desta forma, as coletas 2 e 3 são instrumentos complementares que visam dar maior robustez à nossa pesquisa e, principalmente, contribuir com a análise do enquadramento do confronto.

Por fim, todas as coletas compuseram um único banco de dados e receberam o tratamento de codificação com o mesmo livro de códigos.

3.1. A entrada em campo

O interesse pela temática das mobilizações dos trabalhadores de entrega por aplicativo partiu da repercussão do primeiro Breque dos Apps, em junho de 2020. A eclosão daquele movimento em meio ao isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus se converteu rapidamente num assunto de interesse. Como aqueles trabalhadores se organizavam? Como conseguiram fazer um movimento nacional? Quais as relações de trabalho e de resistência estavam se costurando nesse novo formato de negócio? Muitas perguntas que justificavam a realização de uma pesquisa sociológica.

Toda pesquisa conta com a dedicação, mas também com o acaso. Em função de minha participação em movimentos sociais na cidade de Belo Horizonte cheguei a um amigo de um amigo, um pesquisador-ativista envolvido em atividades de pesquisa-ação com os trabalhadores de entrega por aplicativo. Alessandro, este pesquisador-ativista, se envolveu com a organização dos breques ainda em 2020 e tinha boas relações com as principais lideranças que emergiram dos protestos. Foi a partir dele que consegui estabelecer contato com as lideranças e ser bem recebido para dar início à entrada em campo.

A primeira entrevista, ainda na fase exploratória, foi realizada em maio de 2022. A entrevista serviu para definir com maior precisão os objetivos da pesquisa e, principalmente, criar relações de confiança com os trabalhadores de entrega por aplicativo e estabelecer essa relação entre pesquisador e pesquisado. Entre as vantagens de realizar entrevistas com lideranças está também a disposição com que estes sujeitos têm para falar; são pessoas que querem ser ouvidas, querem que sua versão dos fatos seja apresentada. Com isso a entrevista trouxe um volume de informações muito valiosas para a pesquisa e que serviram, ademais, para lapidar o roteiro para as demais entrevistas. Ao final desta primeira entrevista saí com o compromisso da liderança de intermediar os contatos com os demais pertencentes da “linha de frente”, como se chamam as lideranças entre si.

Alguns temas chamaram a atenção na pesquisa exploratória e se tornaram objeto de análise no trabalho final. Especialmente a dimensão espacial do trabalho e sua possível implicação no processo de mobilização dos trabalhadores, assim como a importância atribuída ao contato com a gerência da empresa-aplicativo, que acabou por ser compreendido como um importante recurso do movimento dos entregadores.

Já em contato com a primeira liderança e a relação pesquisador-pesquisado se instituindo, comecei a entrar em contato com outras lideranças para marcar as entrevistas. Ao longo desse processo tive várias dificuldades de contato e agenda com as lideranças, recalculando a rota várias vezes. Foi a partir da segunda entrevista, já em novembro de 2022, que começamos a ter mais sucesso na abordagem com o campo, marcando as entrevistas semanalmente. As entrevistas ficaram concentradas entre novembro de 2022 e janeiro de 2023.

Após o exame de qualificação, em que me foi apontado a possibilidade de aprofundar a perspectiva das Teorias dos Movimentos Sociais, então mudamos o foco e adequamos os objetivos da pesquisa. Com isso demos mais ênfase à compreensão

da emergência do sujeito coletivo no diálogo com as lideranças e menos sobre o processo de trabalho em si.

A entrada em campo, portanto, determinou em muito os caminhos escolhidos pelo trabalho. O acaso de ter tido contato com Alessandro que me possibilitou o diálogo com as lideranças iniciais foi crucial para o bom desenvolvimento do trabalho.

3.2. Análise de categorias

Nesta pesquisa optamos por um método de análise qualitativo calcado na codificação e categorização dos dados. Na seção anterior explicamos como se deu a coleta dos dados que conformaram nosso banco de dados para análise. Feito isto, fizemos o exercício de codificar e categorizar os dados.

Segundo ADU (2019), a análise de dados qualitativos caminha, elevando os níveis de abstração, da realidade empírica à teoria. Este caminho pode ser indicado pelas etapas:

1. Coleta de Dados
2. Indicadores empíricos
3. Códigos
4. Categorização/Tematização
5. Relações entre categorias e temas (Teoria)

A construção de nosso livro de códigos partiu do balanço bibliográfico apresentado no capítulo anterior e da entrevista preliminar, ocasião na qual pudemos confrontar a bibliografia com o campo empírico e posteriormente ajustar os códigos aos objetivos específicos de nossa pesquisa. Desta forma, construímos um livro de códigos dedutivo para a análise do material coletado, evidenciando a coerência dos códigos com os conceitos destacados em cada objetivo específico, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

Quadro 5 - Códigos da Análise

Objetivo Específico	Conceito	Código
	Recursos	Experiências pregressas de mobilização social

Descrever os repertórios de confronto e os recursos disponíveis aos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte;		Contato com outras lideranças (grupo nacional)
		Contato com a gerência do aplicativo (contato direto)
		Apoiadores Externos à categoria
		Articulação com outras categorias e sujeitos e expansão das pautas
	Repertórios	Paralisações e Breque
		Reuniões com gerência do aplicativo
		Organização e união da categoria
		Mobilização em relação ao poder público
		Atuação nas Redes Sociais
Analisar como os agentes que participam do movimento de trabalhadores de entrega por aplicativo enquadram o confronto político e constroem suas Molduras Interpretativas de Ação Coletiva (MIAC);	Molduras Interpretativas de Ação Coletiva	Avaliação negativa dos entregadores sobre o trabalho
		Avaliação positiva dos entregadores sobre o trabalho
		Pauta das mobilizações
		Discurso negativo sobre a empresa-aplicativo
		Discurso positivo sobre a empresa-aplicativo
		Mobilizações mais difusas sobre a condição de trabalho
Determinar como as práticas de mobilidade no trabalho dos entregadores se configuram como uma estrutura de oportunidade política no processo de mobilização destes trabalhadores.	Práticas de mobilidade	Mobilização de entregadores do mesmo ponto de distribuição
		Mobilização em outras cidades como estímulo à mobilização
		Mobilização de entregadores de outros pontos em função da mobilidade
	Dimensão Espacial	Fechamento de postos de distribuição
		Brechas

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

A categorização é uma etapa da análise de dados qualitativos que implica no processo de avaliar as características de cada código, revisar os pontos comuns e agrupá-los com base em suas características semelhantes. As categorias nada mais são do que os agrupamentos dos códigos.

Há diversas estratégias possíveis para a categorização. ADU(2019) expõe duas delas: a categorização focada em indícios (*presumption-focused*) e a categorização por ordenamento (*sorting*). A codificação por indícios é um procedimento de construir afirmativas/argumentos apoiados nos códigos,

estabelecendo relações entre eles. Nesta perspectiva, os códigos e seus indicadores empíricos são utilizados como evidências de confirmação (ou refutação) das afirmativas. Já a codificação por ordenamento estabelece conjuntos de códigos a partir das características compartilhadas entre eles. A principal implicação metodológica desta diferenciação é que, na primeira, focada em indícios, os códigos podem pertencer a mais de uma categoria; enquanto na segunda cada código deve pertencer apenas a uma categoria.

Nesta pesquisa, como já dito, as categorias foram construídas de forma dedutiva, isto é, não emergem dos dados coletados pela pesquisa empírica, mas, sim, do referencial teórico adotado, admitindo também a codificação por ordenamento, em que cada registro no banco de dados é assinalado em apenas uma categoria. Todo o material coletado foi codificado e categorizado no mesmo banco de dados e sob o mesmo livro de códigos, garantindo uma unidade nas categorias de análise.

4. ENTENDENDO O BREQUE DOS APPS COMO UM MOVIMENTO SOCIAL

Os trabalhadores de entrega por aplicativo de Belo Horizonte não possuem uma organização constituída formal ou juridicamente. Em outras regiões do país essa categoria já constituiu algum processo organizativo formal, como é o caso do STATTESP (Sindicato dos Trabalhadores com Aplicativos de Transportes Terrestres do Estado de São Paulo), que, mesmo sem a carta sindical, reivindica o nome de sindicato por entender que há vantagens jurídicas e organizativas para a categoria quando assumida essa forma de associação trabalhista (PEREIRA, E. J. R., 2022). Em Juiz de Fora (MG) os trabalhadores de entrega por aplicativo constituíram a Associação dos Motoboys, Motogirls e Entregadores de Juiz de Fora (AMMEJUF).

Outras iniciativas de organização formal dos trabalhadores por plataforma são os sindicatos de motoboys já constituídos e que decidem abranger em sua organização também os entregadores por aplicativo, como é o caso do SINDIMOTO-SP (Sindicato dos Mensageiros, Motociclistas, Ciclistas e Mototaxistas Intermunicipal do Estado de São Paulo) também estudado por Eduardo Pereira em sua dissertação de mestrado (PEREIRA, E. J. R., 2022).

Em dezembro de 2022 foi fundada a Aliança Nacional dos Entregadores por Aplicativo (ANEA). Em processo ainda incipiente de organização e formalização, a ANEA já tem se legitimado como interlocutora da categoria em reuniões com o Ministério do Trabalho para elaborar uma proposta de regulamentação do trabalho de entrega por aplicativo. Para o escopo deste trabalho a ANEA não foi considerada, uma vez que foi constituída após o período de coleta dos dados.

A inexistência de uma organização formalmente constituída até o momento da pesquisa, trouxe desafios à mobilização dos trabalhadores e dificuldades para o estudo acadêmico sobre sua atuação política. Sendo assim, entendemos que a teoria dos movimentos sociais pode ser um instrumento importante para melhor compreender a atuação política desses sujeitos em seu processo de constituição.

Nesta seção nos dedicaremos a apresentar os resultados obtidos com a categorização dos dados coletados. A exposição está organizada em quatro seções, cada uma relacionada com um dos objetivos específicos de nossa pesquisa, sendo o primeiro objetivo dividido entre os dois conceitos estruturantes, recursos e repertórios. Assim, começamos com a seção de Recursos, onde descrevemos quais os recursos estão disponíveis às lideranças e ao movimento dos trabalhadores de entrega por

aplicativo; em seguida apresentamos os Repertórios de confronto que constituem a ação coletiva destes sujeitos. Seguimos com a exposição das categorias de Molduras Interpretativas da Ação Coletiva, onde analisamos como os agentes enquadram o confronto político. Por fim, apresentamos as categorias do tema da Mobilidade e Mobilização, num esforço por compreender como as práticas de mobilidade no trabalho dos entregadores se configuram como oportunidades política para a mobilização social destes sujeitos. Em cada seção fazemos uma exposição de uma tabela de frequências dos registros da categoria no banco de dados, seguida de uma síntese da análise de cada uma das categorias e uma nova tabela com alguns registros mais significativos e que permitem uma dimensão comparativa interna às categorias. A tabela de frequências serve, neste trabalho, apenas como um indicador da diferenciação interna de cada categoria, servindo como indícios preliminares para a análise, não indicando, por si mesma, um dado específico. Em alguns momentos fazemos, além das tabelas dos registros, algumas citações a alguns registros mais significativos do banco de dados, utilizamos deste recurso sempre que o registro trazer uma contribuição típica em uma categoria, podendo lhe servir como exemplo ideal para fins de ilustração.

4.1. Recursos

Nesta seção iremos expor como os dados coletados descrevem os recursos disponíveis aos trabalhadores de entrega por aplicativo para a efetivação de suas mobilizações. Para isso apresentamos as categorias construídos na análise bem como a discussão com a bibliografia que serviu de pano de fundo para a construção destas. A seguir, demonstraremos como os dados foram organizados e a sua distribuição pelas categorias de análise e, por fim, oferecemos uma interpretação que busque descrever os recursos e repertórios de ação coletiva dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte.

Em relação aos recursos foram construídas cinco categorias para a análise do material coletado. Os recursos podem estar disponíveis tanto às lideranças quanto ao conjunto do movimento dos trabalhadores. Categorizamos os dados em (a) experiências pregressas de mobilização social, (b) contato com outras lideranças a nível nacional, (c) Contato direto com a gerência da empresa-aplicativo, (d)

apoiadores externos à categoria e, por fim, (e) articulação com outras categorias de trabalhadores ou movimentos sociais.

A categoria *experiências progressas de mobilização social* foi utilizada para buscar identificar se houve engajamento em outros processos de reivindicações e mobilizações coletivas por parte das lideranças em outros contextos não relacionados, ao menos não diretamente, ao trabalho de entrega por aplicativo. Essa participação progressa pode contribuir no processo de mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo, à medida em que se constitui uma habilidade fundamental para a organização da ação coletiva, como também é observado na literatura (CINI; GOLDMANN, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022).

O *contato com outras lideranças a nível nacional* buscou identificar o papel que a relação com outras lideranças dos trabalhadores de entrega por aplicativo no escopo nacional desempenha na estruturação do movimento social dos entregadores. Com esta categoria buscou-se compreender a estruturação da organização política dos entregadores a nível nacional e seus desdobramentos na mobilização social em Belo Horizonte.

Com a categoria *contato direto com a gerência da empresa-aplicativo* procurou-se identificar a relação de lideranças dos trabalhadores de entrega com representantes da empresa-aplicativo em que seja possível apresentar demandas tanto individuais quanto coletivas. Nesta relação não estamos considerando as reuniões formais advindas dos processos de negociação durante as paralisações, nem tampouco os espaços promovidos pelas empresas-plataforma para diálogo com os trabalhadores, como o caso do *Fórum dos Entregadores* da iFood, por exemplo. Esta é uma das categorias que emergiram da pesquisa exploratória e que ao longo do estudo se apresentou como um importante recurso às lideranças para sua legitimação perante o conjunto dos trabalhadores.

Em *apoiadores externos à categoria* identificamos o papel de apoiadores voluntários que contribuem com alguma ação ou recurso à mobilização dos trabalhadores de entrega por aplicativo. Este é um recurso fundamental já consagrado na Teoria dos Movimentos Sociais e também aparece em estudos sobre a mobilização de entregadores em outras partes do mundo (CANT, 2020; CINI, 2023).

Outro recurso fundamental na Teoria dos Movimentos Sociais é a *articulação com outras categorias de trabalhadores ou movimentos sociais*. Aqui buscamos identificar a relação dos trabalhadores de entrega por aplicativo com lideranças de

outras categorias, como sindicatos, movimentos sociais de outras demandas que não dos aplicativos, para assim identificar como esse recurso é utilizado, ou não, nas paralisações e mobilizações.

Na tabela a seguir apresentamos a frequência da distribuição das categorias relacionadas ao tema dos recursos no banco de dados de nossa pesquisa. Em seguida descrevemos como cada categoria aparece nos relatos do banco de dados, oferecendo uma interpretação para o conteúdo de cada recurso dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte.

Quadro 6 - Frequência das categorias de Recursos

CÓDIGO	DEFINIÇÃO DA CATEGORIA	FREQUÊNCIA
R01	Experiências progressas de mobilização social	8
R02	Contato com outras lideranças (grupo nacional)	11
R03	Contato com a gerência da empresa-aplicativo (contato direto)	17
R04	Apoiadores externos à categoria	15
R05	Articulação com outras categorias e sujeitos	4

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa

A experiência progressa não demonstra ser um recurso muito expressivo, presente em apenas 8 relatos dos 55 relacionados aos recursos. No entanto, as manifestações em que esse recurso aparece apontam alta efetividade, indicando que aquelas lideranças que têm experiências anteriores em mobilizações sociais se beneficiam e exaltam como um elemento marcante, principalmente na organização das paralisações.

Quadro 7 - Experiências progressas de mobilização social

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_10_2022-03 – Vídeo do <i>YouTube</i> de liderança nacional dos entregadores.	Mas assim eu tenho uma larga experiência em greve! Já participei de muitas, já apoiei muitas e já viajei para Estados. Então assim, peguei um pouquinho de experiência em cada lugar e vim aqui dá ideia porque, pode acreditar, vários estados que nunca breparam estão brecando e não sabem como Iniciar o Breque e fazem de qualquer jeito	Os registros demonstram como algumas das lideranças tem experiências anteriores em ação coletiva. Enquanto a liderança da coleta COL2_10_2022-03 evoca explicitamente sua experiência em outros breques para legitimar e orientar novos breques, as lideranças de E1-2022-05 e E2-2022-11 contam de suas experiências como explicação para sua própria formação enquanto liderança. A entrevistada de E1-2022-05 explicita sua organização em outros movimentos de caráter político, enquanto E2-2022-11 traz
E1-2022-05 – Entrevista com liderança, mulher, entregadora do <i>iFood</i> em Belo Horizonte, região do Buritis	eu já participo da luta - luta diária minha de vida - antes do <i>iFood</i> . É... participo de um movimento, participo da UP, né?! Da Unidade Popular. Do MLB, Movimento de Luta dos Bairros, Vilas e Favelas.	

E2-2022-11 – Entrevista com liderança, homem, entregador de iFood em Belo Horizonte na regional centro-sul	eu era Presidente do Clube do food truck, né, aqueles food truck de comida. (...) eu sempre fui... muito um cara que gosta de tá meio que ali na frente, igual, o clube do Food Truck, quem criou foi eu, eu tinha 120 Food Trucks associados, entendeu?	uma experiência de mobilização social mais difusa mas que cumpriu também um papel de organizador e liderança, ressaltando como um aspecto de sua personalidade.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Já o contato com outras lideranças é um recurso que aparece como algo mais recente, fruto dos protestos e paralisações e que muda a qualidade do movimento, permitindo uma maior organização das ações e o compartilhamento de experiências, inclusive internacionais.

Quadro 8 - Contato com outras lideranças nacionais

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do Buritis	Vinha as ideias lá de São Paulo. A gente reunia, espalhava e falava pros meninos. No começo era muito difícil ainda.	Esta categoria só foi presente nas entrevistas. O caráter nacional das lutas aparece de forma destacada, bem como a solidariedade que emerge entre as lideranças de cada uma das cidades, o que contribui para a construção de uma identidade coletiva.
E1-2022-05	A gente conseguiu ter contato com todo mundo do Brasil inteiro. Hoje a luta não é só daqui de BH, não é só de São Paulo. Hoje a luta é do Brasil inteiro, velho. E a gente tem comunicação com todos os entregadores linha de frente. A gente tem um grupo. Com todo mundo. Do Brasil todo. Então é muito massa, velho	
E5-2023-01-19	Hoje a gente tem contato com todas as lideranças de Cuiabá, Mato Grosso Fortaleza, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, hoje todas as capitais são ligadas através de redes sociais e todos sabem quem é quem.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

O contato com a gerência da empresa-aplicativo é o recurso mais expressivo dentre os listados, aparecendo com 17 menções no banco de dados. As menções ao contato direto sinalizam que esse recurso é um ponto de inflexão na trajetória do movimento, distinguindo entre um período de enfrentamento às cegas, sem perspectivas de conquistas, para um outro nível de confronto político, em que, mesmo

com disparidades de armas com a empresa-aplicativo, há uma interação de barganha que legitima as lideranças como interlocutoras dos trabalhadores.

Quadro 9 - Contato com gerência empresa-aplicativo

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do bunitis	Mas a gente não conseguia ter resultado. Não tinha contato com iFood.	A entrevistada E1-2022-05 aponta explicitamente como não ter contato com o iFood era um impeditivo para vitórias das mobilizações dos trabalhadores. O Entrevistado E5-2023-01-19 apresenta conflitos com o contato com a representante do aplicativo. E o Entrevistado E3-2022-11 expõe que o contato direto com um representante da empresa é um recurso intransferível, que lhe confere legitimidade como representante da categoria.
E5-2023-01-19	Ai acabou que a Renata foi dispensada, que era a representante do iFood que vinha tendo contato com a gente, que buscava as causas e falava que levava, só que nunca trazia solução pra gente, aí a gente desanimou dela também, ai já tava perdendo a paciência com ela, ai já falamos “ó, a gente tá achando que não tá mais dando solução, a gente não vai mais dar atenção pra você, não vai conversar, não vai mais organizar reunião, não vai ter nada, porque a gente não tá tendo solução!	
E3-2022-11	eu tenho o contato aqui do... é... do... pessoal da reunião que vieram fazer a reunião comigo eu tenho o contato do programador do... ato; e eu... converso com ele --- que eu mantive o contato. Só eu tenho o contato dele. Ele não quer que passa para ninguém, tanto é que... ele falou mesmo que o contato dele é comigo. Ele não quer contato com mais ninguém.”	
E1-2022-05	Igual eu tô te falando esse contato que a gente tem direto com iFood, que a gente teve lá no Fórum, conheceu todos os operadores, as áreas, todas lá, conhecemos o dono da iFood, escutamos eles. Eles escutaram a gente também. Mesmo que não fizeram da forma que a gente queria. Mas foi um avanço muito grande, muito grande, que a gente teve	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Em relação aos apoiadores externos à categoria, identificamos três tipos de apoios articulados pelas lideranças. O primeiro são os apoios dos consumidores, que tiveram um papel fundamental no engajamento, boicotando os pedidos por aplicativo nos dias das paralisações. Esse apoio é potencializado também pelo contexto da pandemia do novo coronavírus, o que acabou por sensibilizar mais consumidores com a pauta dos trabalhadores de entrega. Uma segunda dimensão dos apoios externos

são relações que buscam suprir demandas do movimento e compensar a falta de recursos financeiros; logo, há uma busca por apoiadores externos que possam facilitar alguns serviços necessários ao processo de mobilização, como peças de design e impressão de panfletos. Por fim, também aparecem como apoiadores externos a relação com políticos. Neste caso há um olhar com cautela, especialmente pelo ano eleitoral, mas um aceite do apoio e dos recursos daí provenientes, sem, no entanto, uma vinculação ou proximidade com o candidato.

Quadro 10 - Apoiadores Externos à categoria

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_10_2022-03	Aí acontece breque é sempre assim de alguma forma se for ficar muito dia muitos dias na greve passar de um dia porque esse é o ideal não existe mais greve de um dia procure fazer campanha de pix com a população em grupos pedindo ali uma ajuda de custo mínima para poder pagar o almoço do motoboy que está na greve comprar uma água tá ligado	Todos os registros apontam para uma percepção dos apoiadores como um recurso importante para a mobilização, haja vista a falta de outros recursos pelo movimento, especialmente recursos financeiros e técnicos. O registro de COL2_10_2022-03 orienta campanha de doações pelos apoiadores externos, enquanto E1-2022-05 demonstra a importância desse recurso para viabilizar a mobilização dos entregadores. O entrevistado E2-2022-11 trata sobre o apoio de parlamentares, em que percebe uma aproximação destes parlamentares com foco nas eleições, mas aceita os recursos mesmo assim.
E2-2022-11	“A gente precisava de fazer as coisas, da onde é que eu vou tirar dinheiro mano? Não tem da onde que vai tirar dinheiro. Quem que fica rodeando, igual urubu na carniça? Os políticos, eu falei “ah mano, é o cês mesmo”.	
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do buritis	A gente cria...tudo apoiador né? A gente não tem dinheiro. Apoiador a gente vai criando apoiador, apoiador, apoiador.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Dentre os recursos analisados a articulação com outras categorias e movimentos sociais é, sem sombra de dúvidas, o menos expressivo. Pode-se perceber pela baixa frequência com que aparece nos relatos, contando com apenas quatro aparições dentre os 55 registros destacados. Essa pouca expressividade demonstra um certo isolamento dos trabalhadores de entrega por aplicativo em relação às demais organizações e entidades de trabalhadores, isolamento que só é vencido em duas oportunidades: quando os entregadores participam de mobilizações mais amplas da sociedade civil, como as ocorridas entre 2020 e 2022 em oposição ao ex-presidente Jair Bolsonaro como também nos momentos nas paralisações dos

entregadores em que há um apoio difuso do movimento sindical, sem que no entanto signifique relações mais duradouras.

Quadro 11 - Articulação com outras categorias e movimentos sociais

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E2-2022-11	então tipo assim, as coisas relacionadas, e eu conversei muito com as outras frentes de BH, tanto o sindical como a voz do motofrete também que é a galera autônoma, elas [autônomos] se desvincularam do sindicato porque começou a ter muito autônomo	O registro de COL3-07-2020-07 aponta um apoio do movimento sindical numa região específica, enquanto E2-2022-11 demonstra um certo distanciamento dos sindicatos e associações previamente constituídos. O registro de COL3_07_2020-07 dá conta de que o Breque dos App ocorreu durante um amplo descontentamento da sociedade civil com o governo do então presidente Jair Bolsonaro, o que gerou certa confluência de interesses e mobilizações conjuntas dos trabalhadores de entrega por aplicativo e outros setores da sociedade, porém não em torno das pautas dos entregadores.
COL3_07_2020-07	Além da briga por melhorias, algumas dezenas de trabalhadores do setor têm participado de manifestações contra o governo Bolsonaro. Eles fazem parte do grupo "Entregadores Antifascistas", que se juntou a torcidas organizadas de futebol para promover os atos.	
COL3_07_2020-07	O movimento, que também foi visto em outras cidades, contou com o apoio do movimento sindical	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

4.2. Repertórios de confronto

Em relação aos repertórios de confronto, organizamos o material em outras cinco categorias. São elas: (a) Paralisações e Breque, (b) Reuniões com gerência do aplicativo, (c) Organização e união da categoria, (d) Mobilização em relação ao poder público e, por fim, (e) Atuação nas Redes Sociais. Diferentemente dos recursos, as categorias relativas aos repertórios foram preponderantemente indutivas. Ancorados na teoria do confronto político identificamos alguns elementos na pesquisa exploratória e, também, no momento da análise do material do campo que contribuem com nosso objetivo de descrever os repertórios dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte. Em razão do objetivo descritivo, as categorias aqui criadas têm uma relação mais direta com o material coletado em campo e interlocuções mais distantes com a literatura.

A primeira categoria construída foi a de *Paralisações e Breque* que buscou organizar os relatos sobre os momentos do breque em si, identificando as formas de interrupção do trabalho de entrega. Não estão inclusas aqui as mobilizações

anteriores aos breques, ou seja, o processo de convencimento dos trabalhadores a participar da paralisação.

A categoria *Reuniões com gerência do aplicativo* se ateve a identificar as reuniões formais com representantes das empresas-plataforma, tais como as reuniões de negociações impulsionadas pelos Breques e paralisações ou o Fórum dos Entregadores da iFood. Entendemos estas reuniões como um repertório pois envolvem um processo de negociação e barganha com a empresa-aplicativo que depende da capacidade coletiva de coordenar as ações dos trabalhadores no momento das paralisações e breque, não se confundindo com o recurso das lideranças de acesso aos gerentes da empresa-aplicativo, já apresentado no tema anterior.

Quanto à *Organização e união da categoria*, buscamos descrições sobre o processo de organização dos trabalhadores, principalmente os esforços para a construção de uma organização mais perene. Nesta categoria não estão incluídos nem os esforços de organização limitados ao breque, que já estão na primeira categoria desta seção, nem tampouco os grupos de *WhatsApp*, sabidamente importantes para o processo organizativo, mas que estão contemplados na categoria *Brechas* no tema da mobilidade e mobilização.

Uma quarta categoria construída foi a de *Mobilização em relação ao poder público* que buscou identificar os relatos sobre as mobilizações reivindicativas dos trabalhadores endereçadas aos entes públicos e não às empresas-plataforma. Esta categoria se fez necessária haja vista as diferenças de formas de luta empregadas pelos trabalhadores a depender do endereçamento das reivindicações.

Na categoria *Atuação nas Redes Sociais* buscamos captar a forma com que o movimento dos trabalhadores utiliza as redes sociais em seu proveito, buscando apoio para as paralisações e breque. Aqui estamos focados em campanhas como *twitaços*, avaliações dos aplicativos nas lojas de aplicativos dos *smartphones*, uso de *hashtags* e afins e não nos grupos de *WhatsApp* dos próprios trabalhadores que, como já dito, estão inclusos na categoria *Brecha* do tema de mobilidade e mobilização.

A seguir apresentamos a tabela de frequência da distribuição dos registros nas categorias relacionadas aos repertórios de confronto. Em seguida expomos como as categorias aparecem nos relatos do banco de dados, descrevendo os repertórios de confronto dos trabalhadores de entrega por aplicativo em Belo Horizonte.

Quadro 12 - Frequência da categoria Repertórios de Confronto

CÓDIGO	DEFINIÇÃO CATEGORIA	FREQUÊNCIA
R06	Paralisações e Breque	62
R07	Reuniões com gerência do aplicativo	11
R08	Organização e união da categoria	23
R09	Mobilização em relação ao poder público	5
R10	Atuação nas Redes Sociais	9

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa

Na categoria Paralisações e Breque reunimos os registros que abordavam diretamente as ações envolvidas no processo do Breque, buscando identificar os elementos que melhor descrevem esse repertório, bem como o seu desenvolvimento no decorrer das mobilizações. Ao analisar os registros percebemos que o que chamamos de breque é uma forma de ação coletiva particular dos trabalhadores de entrega por aplicativo que conjuga três ações simultâneas: a paralisação do trabalho de entrega em si, principalmente com o desligamento do aplicativo, o bloqueio físico dos principais postos de distribuição de entregas, impedindo que as entregas sejam feitas por outros entregadores que não tenham aderido ao movimento e manifestações pelas principais avenidas da cidade, dando visibilidade ao protesto. Os relatos também registram a busca intencional por apoio entre consumidores dos aplicativos, buscando reduzir tanto os pedidos quanto também a nota do aplicativo nas plataformas de avaliação, como também o apoio crescente entre os restaurantes, visando diminuir o atrito com essa outra parte da logística envolvida no serviço de entrega por aplicativo.

Os registros dão conta também de um desenvolvimento do Breque. Parte de um processo espontâneo e auto-organizado, em que a mobilização é construída principalmente por meio de panfletos custeados pelos próprios trabalhadores e vinculados sobretudo em suas *bags* (mochila característica dos entregadores, geralmente com as cores e logo da empresa-aplicativo), muito marcado por ações violentas, inclusive entre os próprios trabalhadores, para uma preocupação crescente com a organização, expressa em orientações explícitas para avisar autoridades policiais, prefeitura e restaurantes e por maior empenho na organização anterior ao breque. No primeiro momento os breques são marcados como ações virulentas, de curta duração e rápida propagação; no segundo, caracterizam-se por uma maior duração, cerca de uma semana de paralisação, e maior concentração em poucas cidades.

Quadro 13 - Paralisações e breques

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_02_2020-06	peçoal, nesse dia primeiro do sete não liguem seus aplicativos que seja principalmente uber 99 ifood o aplicativo que você é cadastrado não ligue porque para eles terem e esse conhecimento que nós fazemos a engrenagem funcionar	O registro COL2_02_2020-06 enfatiza a estratégia de desligar o aplicativo para demonstrar força às empresas-plataforma. Já COL2_09_2021-09 expõe o processo de deliberação coletivo dos entregadores do Rio de Janeiro, que decidiram, naquele protesto em específico, em não fazer grandes concentrações em função da pandemia do novo coronavírus. Ambos registros chamam a atenção a uma adesão individual dos trabalhadores como ponto fundamental da ação coletiva.
COL2_09_2021-09	esse ano na Candelária a gente resolveu em votação eu voltei para aí para Candelária a maioria votou para não ir por causa de aglomeração covid-19 vem morrendo muita gente no Rio de Janeiro a galera aderiu e não ir fazer virtual a gente fez campanha para galera do Rio de Janeiro somente ficar em casa passear com a família dar um rolê com os filhos	O registro de E3-2022-11 enfatiza o papel da organização do breque, da capacidade de liderança do entrevistado como fator importante para construção do movimento. E o registro E2-2022-11 já aponta elementos para o fim do ciclo de protestos, do desgaste da liderança em manter o Breque e da necessidade de mudanças do repertório de confronto para continuidade do movimento.
COL3_07_2020-07	Durante sete horas, entregadores de aplicativos lotaram as principais avenidas de São Paulo nesta quarta-feira, montados em motos ou bicicletas, para reivindicar melhores condições de trabalho a gigantes tecnológicas como Rappi, Uber ou iFood, as três plataformas de entrega mais usadas no Brasil	
E2-2022-11	Ficar fazendo manifestação, sabe acaba desgastando. Na verdade, já tinha desgastado. Foi o que eu conversei com o Paulo. A gente sabe que não adianta mais manifestação. Manifestação é desgastar, é desgastar quem é liderança e perder a massa, porque vai fazer de novo não tá resolvendo nada, vai fazer de novo não tá resolvendo nada, entendeu?	
E3-2022-11	Nós paramos foi praticamente 15 lugares. Foi 15 lugares. Então nesses 15 lugares eu tinha pessoas de confiança que tava ali. O que acontecesse ali me falava, checava, conversava e tal.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Um segundo repertório de confronto identificado foram as reuniões de negociação com a gerência das empresas-plataforma. Consideramos esses eventos como repertórios pelo seu caráter coletivo e por serem resultados das ações de confronto dos breques. Este repertório aparece com 11 registros que dão conta de que apesar de serem espaços de pouca efetividade para as demandas dos entregadores, a abertura ao diálogo por parte das empresas-plataforma figura como elemento positivo para o movimento, que passa a sentir-se reconhecido como interlocutor das demandas da categoria.

Quadro 14 - Reuniões com gerência da empresa-aplicativo

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do buritis	“Eu não vi nenhum aplicativo abrindo voz pra entregador até hoje, como o iFood abriu. Foi muito bom o Fórum, por que a gente conseguiu ter contato direto com eles, a gente tem contato com vários setores hoje do iFood. A gente consegue entender a logística deles. A forma que eles trabalharam. O jeito que eles falam. O jeito que eles engalobam a gente.”	E1-2022-05 demonstra uma tensão com o iFood. Se por um lado enfatiza que a empresa-aplicativo dá voz aos trabalhadores e reconhece que nenhum outro aplicativo o faz, por outro considera que tudo não passa de enganação. A entrevistada apresenta também desconforto com Guedes, outra liderança dos entregadores de Belo Horizonte mas que, na visão da entrevistada, não causa impacto no iFood, pelo contrário, é útil à estratégia da empresa de enganar os trabalhadores com esse espaço de diálogo. Já E3-2022-11 aponta outra tensão com a empresa-aplicativo ligada ao processo de negociação da paralisação durante o breque.
E1-2022-05	eles tentando ludibriar todo mundo o tempo todo mano, o hotel lindo, você é doido o quarto tinha hidromassagem, ou um lugar assim sabe, é fora do normal mesmo, assim o dinheiro que eles gastaram, mas tudo pra ludibriar né? e nisso daí a gente viu sobre o... Guedes mano, Guedes tirou altas fotos, Guedes não falava um A, a galera que era youtuber que não era Linha de Frente de outros estados, a galera de YouTube era tudo assim, era isso que eles queriam entendeu ter levado lá a galera né youtuber	
E3-2022-11	Ele falou: “então, por favor, teria como você liberar os mercados?”. Isso era 10:00 da manhã, “teria como você liberar os mercados até 13h?”. Falei: “o que que acontece, o que você pode me dar até meia hora? Até 14h?”, e ele falou: “eu não posso dar nada, só a minha palavra do que eu vou conseguir conversar com vocês, ainda fazer uma reunião geral.”, falei “não, então não tem como liberar”, entendeu?	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Quanto à *organização e união da categoria* vemos que ao mesmo tempo em que há um discurso, por parte dos entregadores, de um certo saudosismo e elogio do passado em relação à união dos trabalhadores, que apresenta um quadro atual de maior competição e fragmentação da categoria, também é frisada a força da organização coletiva dos entregadores. Percebe-se pelos registros que as mobilizações são vistas como instrumentos para a construção de um sujeito coletivo ulterior, que pode ser uma organização mais perene ou uma identidade coletiva. Assim, vê-se um equilíbrio dinâmico no discurso entre uma interpretação do quadro atual de competição e desmobilização com uma perspectiva teleológica, em que a organização é por si própria uma conquista.

Quadro 15 - Organização e união da categoria

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_07_2021-02	Hoje eu acho que... não teve conquista, mano. iFood não deu atenção, os aplicativos não deu atenção, nada mudou. Os caras 'gastou' milhões pra fazer comercial no intervalo do Jornal Nacional dizendo que a vida é uma entrega. Do lado deles não mudou nada, mas do nosso lado, mano, 'nóis' pautou as eleições, morô? Tem gente que pintou entregador do tamanho do prédio, em São Paulo. 'Nóis' não existia, agora 'nóis' existe, mano. Então acho que a conquista é essa, 'nóis' existe.	Os registros de COL2_07_2021-02 e E1-2022-05 dão uma dimensão da luta como um caminho a ser percorrido para a emergência de um sujeito coletivo, expresso como “'nóis' existe”, numa percepção até mesmo teleológica do movimento social. Enquanto o registro de COL2_01_2020-06 é carregado por uma negatividade em relação ao movimento, negando a possibilidade de união dos entregadores como algo intrínseco.
COL2_01_2020-06	não tem como nós confiar em paralisação mano motoboy não é mais unido que nem antigamente	
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do buritis	É uma... educação que a gente faz com os meninos. Conversa com eles, mostra pra eles que é o único meio é a luta. É a gente se unindo.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

As mobilizações em relação ao poder público chamam a atenção pela mudança das formas de atuação dos trabalhadores de entrega por aplicativo. Enquanto nos breques há uma interrupção do trabalho, o impedimento de entregas e as mobilizações pela cidade, as mobilizações em relação ao poder público são pontuais e localizadas nas sedes dos poderes legislativos e, no caso de Belo Horizonte, executivo municipal. Pela análise dos registros percebeu-se três processos destas mobilizações com maior relevância: o primeiro dá início à organização dos trabalhadores de entrega por aplicativo, quando protestam contra as *placas vermelhas*, uma primeira tentativa regulamentação do poder público municipal sobre o serviço de entregas que visava enquadrar os entregadores de aplicativo sob mesma regulamentação de serviços remunerados, exigindo um registro específico da motocicleta e também dos documentos de habilitação do motofretista, aumentando os custos de entrada destes trabalhadores no mercado. O segundo momento se dá no período de maior emergência sanitária durante a pandemia do novo coronavírus, ao final de 2020, em que os trabalhadores de entrega por aplicativo fizeram um *Breque por Direitos*, cobrando da Câmara Federal que legislem para obrigar as empresas-plataforma a adotar medidas de proteção sanitária, uma vez que os trabalhadores

estavam mais expostos à contaminação pelo vírus e atuavam num mercado considerado essencial. Por último, os registros também apontam para mobilizações ao longo dos anos de 2020 a 2022 em busca de uma regulamentação do regime de trabalho sob demanda junto à Câmara Federal, principalmente em torno do Projeto de Lei nº3.748/2020.

As mobilizações em relação ao poder público têm um impacto pontual na constituição do movimento dos trabalhadores de entrega por aplicativo. São importantes à medida que demonstram uma articulação destes sujeitos com as esferas da política institucional, mas não tomam densidade suficiente para alterar o desenvolvimento do movimento.

Quadro 16 - Mobilizações em relação ao poder público

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E1-2022-05 – entrevista com liderança, mulher, entregadora do ifood em belo horizonte, região do buritis	Depois de uns dois anos que eu entrei no ifood, a prefeitura de BH queria implantar, pra todo mundo que trabalhava no iFood a placa vermelha. Todo mundo que trabalhasse tinha que ter placa vermelha, ia ter que regularizar, ia ter que fazer tudo. Aí eu conheci um grupo de pessoas... os meninos que organizaram pra gente fazer uma paralização pra não acontecer isso. Foi a primeira paralização que eu participei. E a gente fez a passeata, legal pra caramba, fomo pra porta da câmara.	O registro de E1-2022-05 relembra das manifestações municipais para derrubar a regulamentação das placas vermelhas para entregadores por aplicativo, enquanto que os demais registros, voltados ao protestos mais recentes, defendem regulamentação dos aplicativos pelo Estado, quer seja sobre o vínculo trabalhista, como em COL03_08_2020-07, quer seja sobre direitos, especialmente sobre a pandemia, como em E2-2022-11. Esses protestos são marcados por pressão limitada aos espaços do poder público, sem convocatórias para apoiadores e sem grandes manifestações pelas vias da cidade. Interessante como E2-2022-11 emprega o termo breque por direitos para vincular o ciclo de protestos mais amplo dos entregadores com as pautas específicas da Câmara Federal.
E2-2022-11	Eu fui para Brasília né velho no final de 2020, final? mais ou menos no meio! A gente foi lá brigar, quando começou a pandemia a gente foi lá brigar pela lei... que é... obrigava os aplicativos a... da máscara, a dar os equipamentos de... EPI, e... começou a ter o seguro tá ligado? (...) Foi o breque por direitos, foi o terceiro breque que a gente foi para Brasília.	
COL3_08_2020-07	No Brasil, em 08 de julho de 2020, as lideranças nacionais do movimento reuniram-se com o Presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, para apresentar suas reivindicações. Já no dia 10 de julho de 2020, foi protocolado o Projeto de Lei nº 3.748, com vista à regulação do “regime de trabalho sob demanda”.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Quando analisamos a atuação nas redes sociais é visível que o principal objetivo dessa atuação é de mobilizar o apoio entre os possíveis clientes do aplicativo. A atuação nas redes sociais centra força em orientar que os clientes evitem de fazer

pedidos nos dias das paralisações e aproveitem para avaliar negativamente os aplicativos nas lojas de aplicativo, manifestando também apoio ao movimento dos entregadores nos comentários de avaliação dos aplicativos. Portanto, vemos essa atuação como uma parte da mobilização de apoiadores durante os breques, não como um repertório em si mesma.

Quadro 17 - Atuação nas Redes Sociais

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL3_02_2020-06	Por meio das redes sociais, os entregadores estão usando a #ApoioBrequedosApps para orientar a população sobre como se solidarizar ao movimento por condições mais dignas de trabalho (...). A campanha pede que no dia 1º de junho, as pessoas cozinhem sua própria comida e compartilhem uma foto com a #ApoioBrequedosApps	Os registros COL3-02_2020-06 e COL3_09_2020-07 comentam sobre a atuação de apoiadores, especialmente clientes, nas redes sociais. Duas estratégias são apresentadas aí, o uso das redes sociais para orientar o boicote ao uso dos aplicativos, no primeiro registro, e a avaliação negativa nas lojas de aplicativos dos <i>smartphones</i> , no segundo. Já o registro de E3-2022-11 é sobre a atuação dos entregadores nas redes para ampliar o alcance da mobilização a partir dos grupos de <i>WhatsApp</i> .
COL3_09_2020-07	Também na primeira paralisação, milhares de pessoas avaliaram negativamente os aplicativos Ifood, Rappi, Uber Eats, Loggi e James. As cinco companhias haviam recebido 53.411 avaliações até as 17h de 1º de julho, e em 98% delas, os usuários atribuíram às empresas uma estrela, o critério mais baixo de avaliação.	
E3-2022-11	Criamos um link do grupo e espalhamos o link do grupo.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

4.3. Molduras Interpretativas de Ação Coletiva

Para analisar como os trabalhadores de entrega por aplicativo enquadram o confronto político e constroem suas molduras interpretativas da ação coletiva desenvolvemos seis categorias. Estas categorias dizem respeito principalmente a como os temas relacionados ao processo de trabalho por aplicativo é enquadrado, seja no discurso dos próprios trabalhadores de entrega ou pelas matérias na imprensa. Assim as categorias são: (a) Avaliação negativa dos entregadores sobre o trabalho, (b) Avaliação positiva dos entregadores sobre o trabalho, (c) Pauta das mobilizações, (d) Discurso negativo sobre a empresa-aplicativo, (e) Discurso positivo

sobre a empresa-aplicativo e (f) Mobilizações com pautas difusas relativas à condição de trabalho.

Na Teoria dos Movimentos Sociais é considerado que a insatisfação dos trabalhadores com o trabalho é um forte motivador para as mobilizações. No entanto, é possível que os trabalhadores tenham avaliações ou percepções positivas sobre o trabalho ao mesmo tempo em que nutrem uma insatisfação com o “empregador”, ou seja, é possível que um trabalhador de entrega por aplicativo tenha uma avaliação positiva sobre sua relação de trabalho tomada de forma mais geral ao mesmo tempo em que tenha uma insatisfação particular com a empresa-aplicativo (KLUMPP; RUINER, 2018; NEGRI, 2021; SILVESTRE; SANTOS NETO; AMARAL, 2021). Na construção das categorias tentamos diferenciar, portanto, os fatores e discursos favoráveis e desfavoráveis às relações de trabalho e em relação à empresa-aplicativo; resultando em quatro categorias distintas: *Avaliação negativa dos entregadores sobre o trabalho*, *Avaliação positiva dos entregadores sobre o trabalho*, *Discurso negativo sobre a empresa-aplicativo*, *Discurso positivo sobre a empresa-aplicativo*.

A categoria *Pauta das mobilizações* teve como objetivo identificar as reivindicações das mobilizações, sejam das paralisações ou das negociações coletivas, para assim compreender como os trabalhadores tensionam pelo alargamento da moldura interpretativa em prol de seus interesses.

Por último, a categoria *Mobilizações com pautas difusas relativas à condição de trabalho* foi construída de forma indutiva a partir de elementos que surgiram na pesquisa exploratória. Compreende as mobilizações e ações difusas que não tem um alvo específico, como por exemplo manifestações que denunciam a morte de um entregador, ações de solidariedade dos trabalhadores com as comunidades, ações de ajuda mútua entre os entregadores. Essas mobilizações também ajudam a tensionar o enquadramento e disputam o espaço social simbolicamente em prol dos entregadores, além de contribuir na identidade coletiva do grupo.

A seguir apresentamos a tabela de frequência da distribuição dos registros nas categorias relacionadas à Moldura Interpretativa da Ação Coletiva. Em seguida expomos como as categorias aparecem nos relatos do banco de dados.

Quadro 18 - Frequência das categorias relativas às MIAC

CÓDIGO	DEFINIÇÃO DA CATEGORIA	FREQUÊNCIA
MIAC01	Avaliação negativa dos entregadores sobre o trabalho	12
MIAC02	Avaliação positiva dos entregadores sobre o trabalho	12

MIAC03	Pauta das mobilizações	30
MIAC04	Discurso negativo sobre a empresa-aplicativo	24
MIAC05	Discurso positivo sobre a empresa-aplicativo	0
MIAC06	Mobilizações com pautas difusas relativas à condição de trabalho	4

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa

Quando analisadas as categorias relativas à avaliação dos entregadores sobre o trabalho vemos uma grande ênfase sobre a questão da autonomia, tanto nas avaliações positivas quanto nas negativas, o que corrobora o caráter contraditório da autonomia desta modalidade de trabalho. Por um lado, é enfatizada a flexibilidade do trabalho e o controle do próprio trabalhador em relação ao seu tempo de trabalho. Em conjunto com a facilidade ofertada pela tecnologia da plataforma, esse elemento constitui o sentido positivo da autonomia na interpretação dos trabalhadores de entrega por aplicativo. Mas por outro lado, nos registros negativos sobre o processo de trabalho são enfatizadas a falta de direitos trabalhistas, em especial em relação a acidentes e imprevistos do trabalho, e a responsabilização dos entregadores pelos custos de trabalho. É relevante destacar que esse caráter contraditório e litigioso da autonomia aparece em outros estudos e é apresentado como parte do conflito entre trabalhadores e empresas-plataforma também na esfera jurídica, onde recebe outros contornos semânticos desfavoráveis aos trabalhadores (CARDOSO; ARTUR; OLIVEIRA, 2020).

Quadro 19 - Avaliação sobre o trabalho

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_05_2020-07	fala de que a gente é empreendedor isso, que a gente é autônomo... A gente é autônomo só quando furou o pneu da bike que a gente que tem que ir lá e fazer o remendo ou trocar a câmara-de-ar aí para isso a gente autônomo mas a gente eles comem entregador pelas beiradas eu me sinto explorado né acho que é uma palavra certa uma exploração né você não tem direito a férias você não tem direito a 13 ^º você não tem um fundo de garantia nada	Os dois primeiros registros, COL2_05_2020-07 e E3-2022-11 trazem críticas ao processo de trabalho, especialmente sobre a falta de direitos e de transparência presentes nessa modalidade de serviço. O primeiro registro aponta a falta de suporte com que as empresas-plataforma atuam frente aos entregadores, enquanto o segundo aponta a questão dos bloqueios arbitrários. Os dois últimos registros, E3-2022-11 e E5-2023-01-19, por sua vez, apontam as vantagens dessa modalidade de trabalho, tanto pela facilidade e agilidade do trabalho fornecidas pela tecnologia das plataformas
E2-2022-11	Em momento algum eles falam qual o motivo do seu bloqueio, só te bloqueia e fala que você infligiu os termos da plataforma, mas não falam qual que é o número do termo, não fala nada, ta ligado?	
E2-2022-11	querendo ou não o aplicativo pra gente é muito bom mano, puts mano você é doido?	

	A corrida toca na minha tela eu só aceito e pronto sabe? eu não preciso de correr atrás de cliente, eu não preciso de atender telefone, eu não preciso de fazer nada, isso foi melhor a tecnologia que veio para o motoca assim...	quanto pela possibilidade de manejar sua carga horária com autonomia. É interessante que o mesmo entrevistado E2-2022-11 aparece com registros positivos e negativos em relação ao trabalho, demonstrando uma complexidade da relação dos entregadores com o seu trabalho.
E5-2023-01-19	Você trabalha bem mais do que o serviço prestado, mas é compensatório porque o dia que você não tá se sentindo bem, tá com uma dor de cabeça e não quer ir trabalhar, você tem mais autonomia, né? Escolha.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Em relação ao discurso negativo sobre as empresas-plataforma, destaca-se o incômodo com a forma com que as empresas, especialmente a iFood, atuam no debate público. Muitos registros apontam para uma suposta manipulação por parte da empresa, seja em suas peças publicitárias ou seja na negociação com os trabalhadores grevistas. Outro discurso negativo que aparece com frequência é sobre a falta de clareza das empresas na relação trabalhista, tanto em relação ao cálculo de remuneração das entregas quanto, principalmente, em relação aos banimentos. Também aparecem com relevo críticas à forma com que as empresas-plataforma se relacionam com os estabelecimentos comerciais, sem oferecer treinamento ou orientações em relação a como organizar o serviço de entrega, o que faz com que os entregadores se sujeitem a maus tratos e demora nas entregas.

Ainda em relação ao discurso sobre a empresa-aplicativo constata-se a ausência de qualquer registro, em todos os instrumentos de coleta, de afirmativas positivas às empresas-plataforma. Em se tratando de uma pesquisa com foco na mobilização grevista de trabalhadores destas empresas, pode haver ocorrido um viés de seleção na amostra, o que aponta para o aprofundamento deste tema em futuros trabalhos. Ou seja, é preciso continuar a investigação sobre a avaliação que os trabalhadores de entrega por aplicativo fazem destas plataformas para melhor apreensão do enquadramento deste confronto, inclusive para compreensão das motivações destes sujeitos em permanecer neste ramo de trabalho bem como na escolha entre uma ou outra plataforma de entrega.

Quadro 20 - Discursos sobre as empresas-plataforma

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
---------------	----------	---------

COL3_07_2020-07	Eu, que também tenho um restaurante aberto no iFood, sei como funciona, eles ganham muito dinheiro em cima disso. Eles levam quase 50% em cima dos pedidos e pagam muito pouco	Os registros reforçam discursos negativos sobre as empresas-plataforma. Os primeiros apontam para estratégias da empresa para aumentar seus ganhos, seja em relação ao restaurantes, como no primeiro registro, seja em função da organização do serviço de entrega, pelo mecanismo chamado de gamificação, em que o aplicativo cria desafios e promoções para estimular os entregadores a aumentarem o tempo de trabalho e a produtividade. Já o terceiro registro, E5-2023-01-19, relembra da denúncia de que o iFood teria encomendado uma agência de comunicação para práticas antisindiais, atuando contra as lideranças nacionais dos entregadores.
E1-2022-05	Se cê tiver muito avançado nas entregas, o iFood vai te segurar e vai fazer eu, que tô com uma hora, chegar próximo a você. Aí que ele limita todo mundo a fazer o mesmo tanto de entrega por dia pela carga horária trabalhada. Entendeu? Então, ele te segura na rua. O tempo que ele quer.	
E5-2023-01-19	empresas de telecomunicação, empresas de publicidade pra criar perfis fakes pra sair atacando quem tava liderando ou incentivando os motins e os movimentos, para desmobilizar né?! Eu creio que pode ter sido também a empresa né?! Que deve ter feito isso..	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

As pautas das mobilizações nos ajudam a compreender como os agentes constroem e disputam as molduras interpretativas da ação coletiva. Distinguem-se em três dimensões: seguridade social, condições de trabalho e autonomia. Em relação à seguridade social os entregadores pautam por benefícios de alimentação, seguro de vida, seguro roubo, licença remunerada em casos de contaminação por COVID-19, auxílio saúde e auxílio para casos de acidentes. Sobre as condições de trabalho destaca-se a pauta pelo aumento da taxa básica de entrega, ou seja, a remuneração do trabalho, junto à pontos de apoio para descanso, alimentação e necessidades fisiológicas e equipamentos para prevenção à contaminação pelo coronavírus. Já em relação à autonomia e controle do trabalho as pautas dão destaque aos bloqueios arbitrários das contas dos entregadores nos aplicativos e no sistema de pontuação, em especial no aplicativo *Rappi* em que a pontuação, auferida pela quantidade de horas ligado à plataforma, é um requisito para conseguir mais entregas.

Quadro 21 - Pauta das mobilizações

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL3_08_2020-07	Ainda no rol de demandas emergenciais, consta no pleito da categoria a criação de pontos de apoio para descanso, alimentação e realização de necessidades fisiológicas	Os registros são complementares em ilustrar o conjunto das pautas que mobilizaram os trabalhadores de entrega por aplicativo durante o ciclo do Breque dos Apps. Chama a atenção as
COL3_05_2020-07	As reivindicações dos entregadores buscam o aumento das taxas mínimas e	

	por quilômetro, além do fim dos bloqueios indevidos e a demanda de auxílios ou licenças de saúde, acidente e distribuição de EPIs, que foi limitada	demandas relacionadas à pandemia, apontadas pelo registro COL3_05_2020-07, bem como as relacionadas com as condições precárias do exercício do trabalho de entrega, em especial sobre a realização de necessidades fisiológicas, apontada no registro COL3)08_2020-07. Já o registro E5-2023-01-19 levanta questão sobre a remuneração já no período pós Breque, deixando margem para apontamentos para o futuro das contradições entre empresas-plataforma e entregadores.
E5-2023-01-19	Aí entregava o panfleto pra eles falar das causa que a gente queria, que era prioridade, né?! Melhor valorização da taxa, que eles não sustentaram no breque, depois do breque, que eles falaram que ia melhorar, não melhorou. A casadinha, que é duas entregas que você retira, cê faz duas rotas mas recebe por uma só. Mas já que a taxa mínima era de R\$6,00 a gente queria, pelo menos pelo menos, que a taxa mínima de...dois pedidos fosse de R\$ 10.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

A categoria pautas das mobilizações também evidenciou o impacto da pandemia do novo coronavírus no movimento dos trabalhadores de entrega por aplicativo. Além das pautas envolvendo os cuidados com a infecção e a licença remunerada, os registros dão conta de uma percepção, por parte dos entregadores, de que o contexto da pandemia lhes servia como uma oportunidade política. Em função do isolamento social, o trabalho de entregas teve maior visibilidade e permitiu que o movimento do Breque conquistasse maior apoio entre a sociedade civil.

‘Mano’, eu avisei. Eu falei: ‘meu’, é a hora de parar é agora! Não vamos querer dar uma de herói da sociedade, né?! ‘Mano’, eu sei que a sociedade não tem nada a ver, né?! População tem nada a ver com isso. Mas não vamos querer dar uma de herói! (COL2_01_2020-06)

As mobilizações com pautas difusas revelaram duas formas de ação coletiva dos trabalhadores de entrega por aplicativo que não se caracterizam como movimentações reivindicativas, pelo contrário, apontam uma capacidade de auto-organização dos trabalhadores. Uma primeira dimensão destas mobilizações são ações de ajuda mútua e protesto que revelam uma solidariedade interna do grupo, contribuindo na construção da identidade coletiva dos entregadores, como por exemplo ações para juntar recursos para funeral de entregadores ou apoios em casos de acidentes. Uma segunda dimensão deste tipo de ação coletiva são atividades relacionadas às comunidades locais, como ações no final do ano com crianças, apontada em uma das entrevistas como uma ação do movimento dos trabalhadores: “Final de ano a gente faz é... uma ida nas favelas entregando bala, os motoqueiros ‘pras’ crianças.” (E1-2022-05). Este tipo de ação coletiva revela uma solidariedade

interna do grupo que tende a contribuir nos processos de mobilização social, como já apontado pela bibliografia mobilizada neste texto (CINI; GOLDMANN, 2020; CINI; MACCARRONE; TASSINARI, 2022; TASSINARI; MACCARRONE, 2020)

Quadro 22 - Mobilizações com pauta difusa

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E1-2022-05	A gente fez mobilizações nossas, de menino que morreu, colega nosso. O Diego. É... Ele faleceu num domingo, a gente conseguiu juntar dinheiro pra doar pra família dele. Fizemos uma passeata bonita no meio disso.	Todos os registros aqui expostos são da mesma entrevistada E1-2022-05, mas apontam processos de natureza diversa. Enquanto no primeiro e no último registros há relatos de ajuda mútua entre os trabalhadores, o segundo registro diz da relação dos entregadores com a comunidade em seu entorno.
E1-2022-05	Final de ano a gente faz é... uma ida nas favelas entregando bala, os motoqueiro pras crianças.	
E1-2022-05	Teve um outro colega nosso que acidentou também ali na Grão Mongol, não sei se você ficou sabendo, que ele voou na árvore, quebrou todo. Ele tinha família também. A gente fez mobilização pra ele. Conseguimos dinheiro, fralda, os negócio pra família dele.	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

4.4. Mobilidade e Mobilização

Um dos nossos objetivos específicos desta pesquisa foi determinar como as práticas de mobilidade no trabalho dos entregadores se configuram como uma estrutura de oportunidade política no processo de mobilização destes sujeitos. Neste sentido, há dois temas que merecem destaque para se pensar a relação entre a mobilidade e a mobilização, um primeiro sobre as práticas de mobilidade em si, o qual contempla as categorias: (a) mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento mobilização e (b) mobilização de entregadores de outros pontos de distribuição em função da mobilidade. O segundo tema contempla as categorias que abordam uma dimensão espacial do trabalho, como (c) fechamento de postos de distribuição e (d) Brechas.

A categoria *Mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento* busca identificar em que medida exemplos de mobilizações em outras cidades servem como incentivo às paralisações em Belo Horizonte, ou seja, é uma categoria que busca contribuir para apreender o mecanismo de difusão do protesto.

A *mobilização de entregadores de outros pontos de distribuição em função da mobilidade* é uma categoria que busca identificar em que medida a condição de mobilidade intrínseca ao trabalho de entrega também pode contribuir para a mobilização dos trabalhadores. Aqui foram excluídos os processos de mobilização pelas redes sociais, uma vez que essa característica não evidencia a dimensão da mobilidade do trabalho.

No segundo bloco de categorias, agora relacionadas à dimensão espacial do trabalho, temos a categoria *fechamento de postos de distribuição* que visa organizar os relatos que expõe um domínio por parte dos trabalhadores sobre o processo logístico a que estão subordinados e em função deste domínio escolhem os postos de distribuição mais estratégicos para o fechamento, ampliando, assim, os impactos das paralisações.

Por fim, a categoria *Brechas* busca identificar as relações de solidariedade que emergem do convívio no mesmo ponto de distribuição ou praça de alimentação entre os trabalhadores de entrega, bem como dos grupos de *WhatsApp*, sejam grupos focados na mobilização ou grupos em que os trabalhadores compartilham do cotidiano de entregas. A literatura tem identificado que são nessas brechas que se constituem uma solidariedade entre os trabalhadores que pode contribuir para o fortalecimento dos processos de mobilização (CINI; GOLDMANN, 2020; NEGRI, 2021; TASSINARI; MACCARRONE, 2020).

A seguir apresentamos a tabela de frequência da distribuição dos registros nas categorias de Mobilidade e Mobilização. Em seguida expomos como as categorias aparecem nos relatos do banco de dados, buscando determinar como as práticas de mobilidade no trabalho dos entregadores se configuram como uma estrutura de oportunidade política no processo de mobilização destes trabalhadores.

Quadro 23 - Frequência das categorias de Mobilidade e Mobilização

CÓDIGO	DEFINIÇÃO CATEGORIA	FREQUÊNCIA
MOB01	Mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento	7
MOB02	Mobilização de entregadores de outros pontos em função da mobilidade	9
MOB03	Fechamento de postos de distribuição	9
MOB04	Brechas	16

Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa

Na categoria *mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento* vemos que há uma relação de estímulo e apoio mútuo entre os trabalhadores de

entrega de diversas cidades e que pode sim ser entendido como um mecanismo de difusão e fortalecimento do protesto. No entanto, os registros apontam mais como um processo de demonstração de apoio e de força, que faz com que o Breque tome uma dimensão nacional, do que como um fator determinante para a mobilização local. E no caso de Belo Horizonte, o mecanismo ainda se inverte: são as mobilizações de Belo Horizonte que servem de estímulo para outras localidades ou, pelo menos, conseguem mobilizar apoios de diversas lideranças, inclusive internacionais.

Quadro 24 - Mobilização em outras cidades como estímulo ao engajamento

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E2-2022-11	Não tem jeito, os movimento de BH nenhum foi furada, mano, nenhum. Tipo, foi mal visto, tá ligado? Pelas outras liderança, então... A galera dá muito apoio para BH, tanto é que BH quando a gente fala assim "Ah, BH vai parar", velho, consigo vídeo de todos as liderança do Brasil consigo vídeo de liderança de fora, tá ligado? Da Argentina, do México...	O registro E2-2022-11 traz relato da força das mobilizações em Belo Horizonte e da capacidade das lideranças em mobilizar apoio de outras cidades. O registro COL3_14_2021-06 indica que há propagação do protesto entre as cidades, apontando que a mobilização de São José dos Campos(SP) possa ter estimulado mobilizações em João Pessoa (PB) e também no interior de São Paulo; mas o mecanismo de contágio não é demonstrado, apenas suposto. Já o COL2_01_2020-06 representa a visão de um entregador no clássico dilema da ação coletiva: se todos aderem, ele também adere, mas não se vê obrigado a aderir em caso a adesão não seja massiva.
COL3_14_2021-06	A luta, inclusive, já inspira trabalhadores em outras cidades: em Jundiaí, no interior paulista, um breque para o dia 28 já é dado como certo, enquanto em João Pessoa, capital da Paraíba, tem um ato marcado para esta terça a tarde (21/9), estimulado pela movimentação em São José dos Campos e em busca de justiça pela morte de mais um entregador atropelado, o motoboy Kelton Marques	
COL2_01_2020-06	Bom, e o que é que nós contamos, assim... Eu, particularmente... eu se a galera parar eu vou parar entendeu?! Se eu ver que todos os motoboys parou mesmo eu vou parar!	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Na categoria *mobilização de entregadores de outros pontos de distribuição em função da mobilidade* vemos que há um processo de dispersão conglomerada dos trabalhadores pela cidade. Se por um lado os trabalhadores estão dispersos pela cidade, dificultando a criação de vínculos e, com isso, a mobilização para os protestos, por outro lado essa dispersão não é total, ocorre em conglomerados, que são os pontos de distribuição e as praças de alimentação, onde pequenos grupos de entregadores se reúnem pelo próprio processo do trabalho. Nestes pontos é que ocorre de maneira mais efetiva a mobilização para os protestos. Há também um

espaço de trocas entre um conglomerado e outro, espaço por onde circulam os panfletos produzidos de forma auto-organizada pelos entregadores e os adesivos que os trabalhadores utilizam em suas *bags* para mobilizar para os breques, ou seja, é nesse espaço entre os conglomerados que ocorre o mecanismo de difusão do protesto. Aponta-se, portanto, que a mobilidade dos trabalhadores em função do próprio trabalho é fundamental para a circulação dos recursos e repertórios para a ação coletiva dos entregadores, ao mesmo tempo em que a mobilidade em si mesma também pode ser considerada como um repertório de confronto dos trabalhadores de entrega por aplicativo (ARDILA PINTO; FERREIRA DE GÓIS; SILVA MATTOS, 2023).

Quadro 25 - Mobilização em outros pontos de distribuição em função da mobilidade

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_09_2021-09	Aqui no Random parou. Parte do pessoal que tá aqui com a gente foi para os outros os outros pontos para os shoppings e parar. orientando o pessoal e brecando lá também. E por enquanto, por enquanto, tá surtindo efeito positivo, porque o iFood ele tá chamando de muito longe, ou seja, não tá tendo sucesso entregador suficiente	O primeiro relato registra um esforço dos entregadores de sincronizar e propagar o protesto por entre os postos de distribuição. Os registros E1-2022-05 e E3-2022-11 são referentes a Belo Horizonte e apontam para uma tensão entre a dispersão geral dos trabalhadores pelo território urbano da capital – “motoqueiros de ponta a ponta” – e os espaços de encontro nas praças de alimentação onde os entregadores pegam os pedidos. Já COL3_05_2020-07 registra o espaço utilizado pelos entregadores para divulgar e organizar os protestos, tirando vantagem exatamente dessa dispersão pelo território.
COL3_05_2020-07	a circulação na cidade com adesivos e panfletos nas bags que os entregadores mesmos tem que providenciar para trabalhar, tem funcionado como espaços de organização e modo de divulgar os protestos	
E1-2022-05	É muito difícil cê sair atrás de vários motoqueiros de ponta a ponta, BH inteiro. É muito motoqueiro. É motoqueiro fixo, é motoqueiro que trabalha fixo no restaurante do iFood, né?!	
E3-2022-11	Igual, quando eu vou lá pegar pedido lá, eu encontro com eles, nós fica trocando ideia, tal, eu vou para o canto, aí depois eles vai para o deles, entendeu?	

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

A categoria *fechamento de postos de distribuição* identificou que há um processo de apropriação da estratégia de logística de entrega urbana dos aplicativos por parte dos entregadores. Neste sentido, os entregadores definem pelo fechamento dos melhores postos de distribuição durante o breque, aumentando, assim, seu poder de barganha nas negociações com as empresas-plataforma. Ademais, viu-se na análise que essa apropriação da estratégia de logística se dá tanto pelo processo de

trabalho em si, em que os trabalhadores conhecem ao longo do tempo o perfil das entregas que saem de cada ponto de distribuição, bem como percebem as diferenças de tamanho de cada ponto; mas também no processo de negociação com as empresas-plataforma se apropriam dessa estratégia.

Danilo, faz o seguinte, libera para mim então os Verdemar, por favor. Falei “ó, posso liberar dois Verdemar para você. Vou liberar o do pátio e o do Cidade Nova.”, “não mas eu quero dar Raja Gabaglia e do Luxemburgo”. Aí eu já vi que era que ele queria esses dois aí porque que só entrega para bacana. Lá é só os cliente prime deles. O ouro. Falei “não vou liberar enquanto não tiver reunião”. (E3-2022-11)

É interessante observar que há um conflito entre a empresa-aplicativo e os trabalhadores de entrega também no âmbito do conhecimento sobre a cidade e a logística de entrega que daí advém. Uma das facetas do trabalho em plataformas é que a extração do valor do trabalhador de entrega se dá não só na efetivação da entrega, mas também no aprimoramento da inteligência artificial das plataformas, principalmente sobre o território e o tempo demandado para cada micro tarefa da logística de entrega em solo urbano (CHAN, 2021). Essa condição localiza melhor os resultados da análise da categoria sobre o fechamento de postos de distribuição pelos entregadores, uma vez que eles acontecem também em meio a um conflito pelo controle do processo de trabalho da logística urbana.

Quadro 26 - Fechamento dos postos de distribuição

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
COL2_10_2022-03	A ideia é sempre priorizar os shoppings principalmente os mais ricos porque galera porque o shopping é um montão de gente que entrega os aplicativos	O depoimento de COL2_10_2022-03 é uma orientação para a construção de breques e já aponta para um conhecimento acumulado pelos trabalhadores da centralidade dos shoppings mais caros. Já o depoimento do entrevistado E3-2022-11 foca em Belo Horizonte, na importância que a rede de supermercados Verdemar tem para a logística da Rappi na capital mineira.
E3-2022-11	A Rappi tem lojas que prestam serviço para ela: Verdemar, Araújo, tem a Rappi Turbo que presta serviço pra elas. Qual foi meu intuito? Vamos parar o Verdemar. Do Verdemar sai pedido demais. Vamos breicar os Verdemar todos, todos os Verdemar.	Ambos registros se complementem nessa perspectiva de que os trabalhadores optam estrategicamente pelos melhores pontos de distribuição a partir de seus conhecimentos da logística urbana envolvida
COL3_18_2021-06	Por volta das 9h, um grupo de 80 trabalhadores se concentrou na Praça da Savassi, na região Centro-Sul da capital, para realizar o que chamaram de divisão dos 'pelotões', ou seja, grupo de entregadores que ficarão na porta dos principais shoppings e fast-food da capital.	

		em seu trabalho. Já o registro COL3_18_2021-06 evidencia a dinâmica no processo do breque em si, da organização dos trabalhadores para impedir a distribuição nesses pontos.
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Na categoria *brechas* identificamos alguns elementos da dinâmica do trabalho e da mobilização dos entregadores que forjam relações de solidariedade em meio ao processo de mobilização para os breques. No âmbito das relações face a face, físicas, as praças de alimentação são as principais brechas na organização do trabalho que permitem maior relação entre os trabalhadores de entrega e que contribuem, assim, com a organização dos protestos e paralisações. É nas praças de alimentação que os entregadores de aplicativos diferentes acabam por ter contato e estabelecer relações, que podem ou não servir para a mobilização posterior. É também nesses espaços em que os trabalhadores de entrega também têm contato frequente com os gerentes dos restaurantes e conseguem desenvolver relações que são mobilizadas como apoio nos processos do breque, como visto na seção dos recursos. E por fim, a relação face a face presencial nas praças de alimentação e pontos de entrega aparece como relevante para resolver atritos e melhorar as relações de confiança entre as lideranças dos breques.

Quadro 27 - Brechas

IDENTIFICAÇÃO	REGISTRO	ANÁLISE
E5-2023-01-19	Quando a gente chegava no diálogo, que nem onde que eu brequei foi no BH Shopping... há muito tempo a gente coleta pedido, então a maioria dos gerentes dos restaurantes já conhecem a cara, aí o segurança lá também, muitos conhecem a gente. Então a gente tem, digamos assim, um comportamento... de conduta respeito lá, né?!	O registro E5-2023-01-19 evidencia a sociabilidade construída no cotidiano do trabalho nas praças de alimentação, que extrapolam a categoria dos entregadores. Já o registro COL2_02_2020-06 expõe um mecanismo de ampliação do potencial de mobilização dos trabalhadores a partir das redes sociais, que servem como difusoras dos grupos de whatsapp, fundamentais nesta sociabilidade.
COL2_02_2020-06	eu venho falando isso direto lá no nosso grupo do whatsapp inclusive se você não é não faz parte lá do nosso grupo na descrição do vídeo aqui tem um link de convite entra lá vamos interagir com a gente lá no nosso grupo e você também que não me segue no instagram arroba will motovlog 23 se inscreva lá começa a me seguir lá o que a gente passa né os stories aí mostrando aí a realidade o dia a dia aí no motoboy	O registro E3-2022-11 aponta para brechas construídas durante o processo de mobilização, indicando uma sociabilidade emergente do próprio processo de mobilização social.
E3-2022-11	Veio dessa mobilização. A gente já tinha um grupo, né? A gente já tinha um grupo é...	

	por quê que nós tinha um grupo? De uma primeira manifestação que teve; aí que se... aí um rapaz se criou esse grupo. Aí, esse grupo se estendeu, aí teve a outra manifestação e esse grupo continuou.	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: Elaboração própria com base em dados desta pesquisa

Outro espaço considerado na categoria brecha são os grupos de whatsapp dos entregadores. Os grupos podem ser divididos em dois tipos, aqueles criados em função das mobilizações do breque e os grupos relacionados com o cotidiano das entregas, geralmente construídos a partir de uma relação espacial entre os entregadores – grupos vinculados a um ponto de distribuição específico, por exemplo. Existem os dois tipos de grupos simultaneamente e o seu funcionamento é semelhante. Em um certo ponto são um reflexo da dispersão conglomerada dos trabalhadores, como apontado anteriormente, ao mesmo tempo em que funcionam, especialmente nos períodos de mobilização mais acirrada, como uma estratégia de superação da dispersão. Os registros informam que os grupos de *WhatsApp* são utilizados também como um termômetro da mobilização entre os trabalhadores de entrega: assim que muitas reclamações semelhantes começam a circular em vários grupos, as lideranças começam a instigar a paralisação do trabalho:

ai vai girando e gerando uma comoção, quando a gente foi ver todos os grupos de *WhatsApp* de todos os shoppings não só do BH Shopping, mas do Itaú, do Vilarinho, Estação, Minas Shopping, Shopping Cidade, Boulevard... Todos os grupos de todos os motocas do shopping já tava ciente da data que não é pra rodar ninguém, ninguém vai rodar. (E5-2023-01-19)

No entanto, mesmo que os grupos de *WhatsApp* sirvam à organização dos breques, a cada nova mobilização outros grupos são criados e a mobilização reinicia sem aprofundamento da organização dos trabalhadores de entrega por aplicativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral a compreensão do ciclo de protestos dos trabalhadores de entrega por aplicativo, denominado Breque dos App, de 2020 a 2022 em Belo Horizonte. Partimos do entendimento de que o ciclo de protestos é esse período de maior acentuação do confronto político, marcado pela adesão de setores menos mobilizados às ações coletivas, assumindo, portanto, a definição de Sidney Tarrow sobre o conceito (2009). Neste sentido, entendemos o Breque tanto como um ciclo de protestos quanto como um repertório específico que caracteriza a ação coletiva dos trabalhadores de entrega por aplicativo.

Para alcançar a compreensão sobre o Breque, nos debruçamos sobre a caracterização dos recursos e repertórios de confronto dos entregadores, as molduras interpretativas de ação coletiva e a dimensão da mobilidade na mobilização destes trabalhadores de entrega por aplicativo.

Sendo assim, julgamos que este trabalho apresenta cinco principais contribuições para o campo de estudos da ação coletiva dos trabalhadores de entrega por aplicativo: a descrição das características determinantes do breque enquanto repertório de confronto, a identificação do contato com a gerência das empresas-plataforma como um importante recurso para o movimento dos entregadores, o enquadramento do tema da autonomia como principal questão em litígio no confronto entre trabalhadores e empresas-plataforma, a dispersão conglomerada como característica da articulação entre a mobilidade inerente do trabalho de entrega por aplicativo e a mobilização política destes sujeitos e, por fim, as brechas, sejam físicas ou virtuais, como espaços de constituição da identidade coletiva e potencialidade de mobilização social.

O contato direto dos trabalhadores de entrega por aplicativo com a gerência da empresa-aplicativo é o recurso mais expressivo encontrado nesta pesquisa. Trata-se de uma relação entre as lideranças dos trabalhadores de entrega com representantes da empresa-aplicativo em que é possível apresentar demandas tanto individuais quanto coletivas. A pesquisa identificou este recurso como um ponto de inflexão na trajetória do movimento, distinguindo entre um período de enfrentamento às cegas, sem perspectivas de conquistas, para um outro nível de confronto político, em que há uma interação de barganha que legitima as lideranças como interlocutoras dos trabalhadores.

Nesta pesquisa identificamos as principais características que determinam o breque enquanto um repertório de confronto dos trabalhadores de entrega por aplicativo. Ou seja, quando dizemos do breque enquanto um repertório estamos nos referindo à prática articulada e simultânea de três formas de protestos: a paralisação do trabalho de entrega em si, principalmente com o desligamento do aplicativo, o bloqueio físico dos principais postos de distribuição de entregas, impedindo que as entregas sejam feitas por outros entregadores que não tenham aderido ao movimento e manifestações pelas principais avenidas da cidade, dando visibilidade ao protesto.

A autonomia aparece como principal questão em disputa quando analisamos as molduras interpretativas de ação coletiva. A partir disso caracterizamos esta autonomia enquanto contraditória, uma vez que se enfatiza a flexibilidade do trabalho e o controle do próprio trabalhador em relação ao seu tempo de trabalho como dimensões positivas, ao mesmo tempo em que são enfatizadas a falta de direitos trabalhistas, em especial em relação a acidentes e imprevistos do trabalho, e a responsabilização dos entregadores pelos custos de trabalho, colocadas como consequências de tal autonomia. Ou seja, o conflito sobre o tipo de vínculo do entregador com a empresa-aplicativo se converte em um litígio sobre a autonomia.

Chamamos de dispersão conglomerada a distribuição dos trabalhadores em pequenos grupos, organizados pelos pontos de distribuição e praças de alimentação, por toda a cidade. São nestes pontos conglomerados que ocorrem de maneira mais efetiva a mobilização para os protestos. Percebemos também que há um espaço de trocas entre um conglomerado e outro, onde ocorre o mecanismo de difusão do protesto, como a circulação de panfletos, adesivos e chamamentos à paralisação do trabalho. Aponta-se, portanto, que a mobilidade dos trabalhadores em função do próprio trabalho é fundamental para a circulação dos recursos e repertórios para a ação coletiva dos entregadores.

Por fim, entendemos que as brechas no controle algoritmo do trabalho são determinantes na criação de laços de solidariedade e identidade coletiva entre os trabalhadores de entrega por aplicativo. Tais brechas vinculam a dispersão conglomerada também em uma infraestrutura virtual. Se localizam nos pontos de distribuição e praças de alimentação, espaços em que além das relações de trabalhadores de entrega entre si, há também a criação de vínculos com outros trabalhadores, especialmente os gerentes dos restaurantes, o que se desenvolve em um importante recurso para obter apoio durante os processos de Breque. Um dos

espaços privilegiados destas brechas são os grupos de WhatsApp, sejam os dos pontos de distribuição que servem fundamentalmente para trocar informações sobre o cotidiano das entregas ou sejam os grupos voltados aos processos de paralisação, que acabam servindo como um termômetro para as lideranças sobre a capacidade de mobilização para os breques.

Ao desenvolver esta pesquisa identificamos como principal limitação de nosso trabalho o acompanhamento do processo de nacionalização da Articulação Nacional de Entregadores por Aplicativo, especialmente a participação das lideranças de Belo Horizonte nesta construção de uma organização nacional e o seus impactos no movimento dos entregadores na cidade. Certamente o acompanhamento desse processo ajudaria a compreender mais a fundo a emergência de um sujeito coletivo, bem como permitiria ter maior precisão sobre as características do movimento social dos entregadores.

Assim, identificamos também alguns possíveis desenvolvimentos teóricos para pesquisas ulteriores. Apontamos que o desenrolar da regulamentação do trabalho por aplicativo na esfera federal deve causar impactos na organização e ação coletivas dos trabalhadores e que esse desenvolvimento é de fundamental importância para este campo de estudos.

Por fim, salientamos que novas pesquisas sobre a mobilidade e a dimensão espacial do trabalho de entrega por aplicativo e suas implicações no processo de mobilização dos trabalhadores são promissoras enquanto agenda de pesquisa para a compreensão da ação coletiva destes sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. C. *et al.* Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a COVID-19. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, v. 3, 8 jun. 2020. Disponível em: <<http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/74>>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- ADU, P. *A step-by-step guide to qualitative data coding*. New York: Routledge, 2019.
- ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 76, p. 49–86, 2009.
- ALONSO, A. REPERTÓRIO, SEGUNDO CHARLES TILLY: HISTÓRIA DE UM CONCEITO. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 3, p. 21–41, jun. 2012.
- AMORIM, H.; MODA, F. B. Trabalho por aplicativo: gerenciamento algorítmico e condições de trabalho dos motoristas da Uber. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 22, n. 1, p. 59–71, 14 mar. 2020.
- ANTUNES, R. *O privilégio da servidão_ o novo proletariado de serviços na era digital*. [S.l.]: Boitempo, 2020.
- ARDILA PINTO, A. M.; FERREIRA DE GÓIS, M. P.; SILVA MATTOS, G. Espaços públicos em movimento: mobilidade nas manifestações em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. *Revista INVI*, v. 38, n. 107, p. 181–204, 5 maio 2023.
- BATESON, G. A theory of play and fantasy. *Psychiatric Research Reports*, v. 2, p. 39–51, 1955.
- BENFORD, R. D.; SNOW, D. A. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. *Annual Review of Sociology*, v. 2, p. 611–639, 2000.
- CANT, C. *Riding for Deliveroo: resistance in the new economy*. Cambridge, UK ; Medford, MA: Polity, 2020.
- CARDOSO, A. C. M.; ARTUR, K.; OLIVEIRA, M. C. S. O TRABALHO NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: NARRATIVAS CONTRAPOSTAS DE AUTONOMIA, SUBORDINAÇÃO, LIBERDADE E DEPENDÊNCIA. *Revista Valore*, v. 5, p. 206–230, 29 set. 2020.
- CHAN, J. Hunger for profit: how food delivery platforms manage couriers in China. *Sociologias*, v. 23, p. 58–82, 20 set. 2021.
- CINI, L. (Re)mobilizing labour. A lesson from recent labour struggles in Italy. *Social Movement Studies*, v. 22, n. 2, p. 163–170, 4 mar. 2023.
- CINI, L.; GOLDMANN, B. The Worker Capabilities Approach: Insights from Worker Mobilizations in Italian Logistics and Food Delivery. *Work, Employment and Society*, v. 35, n. 5, p. 948–967, 2020.

- CINI, L.; MACCARRONE, V.; TASSINARI, A. With or without U(nions)? Understanding the diversity of gig workers' organizing practices in Italy and the UK. *European Journal of Industrial Relations*, v. 28, n. 3, p. 341–362, 1 set. 2022.
- DEY, I. *Qualitative Data Analysis: A User-Friendly Guide for Social Scientists*. 2005.
- GAHAN, P.; PEKAREK, A. Social Movement Theory, Collective Action Frames and Union Theory: A Critique and Extension: Social Movement Theory. *British Journal of Industrial Relations*, v. 51, n. 4, p. 754–776, dez. 2013.
- GALVÃO, A. O Marxismo importa na análise dos movimentos sociais? *Encontro Anual da ANPOCS*, v. 32º, 2008.
- GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Northeastern University Press ed ed. Boston: Northeastern University Press, 1986.
- GOHN, M. DA G. *Teorias dos movimentos sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. [S.I.]: Edições Loyola, 2007.
- GROHMANN, R. Plataformização do trabalho: entre dataficação, financeirização e racionalidade neoliberal. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, v. 22, n. 1, p. 106–122, 2 fev. 2020.
- HUWS, U. The algorithm and the city: platform labour and the urban environment. *Work Organisation, Labour & Globalisation*, v. 14, n. 1, 1 jan. 2020. Disponível em: <<https://scienceopen.com/hosted-document?doi=10.13169/workorgalaboglob.14.1.0007>>. Acesso em: 22 fev. 2023.
- KALIL, R. B. *Capitalismo de plataforma e Direito do Trabalho: crowdwork e trabalho sob demanda por meio de aplicativos*. 2019. Doutorado em Direito do Trabalho – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2138/tde-07082020-133545/>>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- KALIL, R. B. Organização coletiva dos trabalhadores no capitalismo de plataforma. v. 39, n. 2, p. 15, 2020.
- KLUMPP, M.; RUINER, C. Digitalization and Work Organization in New Urban Food Delivery Systems. *International Journal on Food System Dynamics*, v. Vol 9, p. 399-408 Pages, 19 nov. 2018.
- MENDONÇA, R. F.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, n. 79, p. 187–201, jun. 2012.
- NEGRI, S. D. The Labour Process and the Emergence of Workers' Mobilisation in Delivery Platforms in Argentina: A Mixed Methods Study. *New Sociological Perspectives*, v. 1, n. 1, p. 96–115, 2021.
- NOGUEIRA, A. S. *Sistemas de status e controle social no interior do movimento de luta por moradia de Belo Horizonte-MG (1985-1995): análise a partir de uma*

perspectiva neoestrutural. 2016. 169 f. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

PEREIRA, E. J. R. *Na corrida pela representação sindical: o caso dos entregadores e dos motoristas por aplicativo em São Paulo*. 2022. 210 f. Dissertação – Universidade estadual de Campinas, 2022.

PEREIRA, M. M. Molduras do Protesto: desafios e perspectivas da abordagem do enquadramento interpretativo no estudo de movimentos sociais. *Política & Sociedade*, v. 13, n. 27, p. 221, 29 set. 2014.

RIBEIRO, R. G. N. *A LUTA DE MULHERES EM PROCESSOS ORGANIZATIVOS EM BUENAVENTURA, COLÔMBIA: CONSTRUINDO PAZ EM CIMA DA GUERRA*. 2022. Dissertação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*, v. 25, n. 61, p. 143–164, mar. 2017.

SILVESTRE, B. M.; SANTOS NETO, S. R. DOS; AMARAL, S. C. F. “Sem tempo, irmão”: o trabalho e o tempo livre de entregadores uberizados durante a pandemia de covid-19. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 43, 29 set. 2021.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/j/rbce/a/bRmNFGYkKbYKVvsKTCHD8Hst/?lang=pt>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SLEE, T. *Uberização: a nova onda do trabalho precarizado*. 1ª edição, 5ª reimpressão ed. São Paulo, SP: Editora Elefante, 2020.

SOARES, L. B. Ciclos de protesto e repertório de ação do movimento indígena brasileiro entre 2009 e 2016: o caso da PEC 215. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 24, p. 191–222, dez. 2017.

SRNICEK, N.; DE SUTTER, L. *Platform capitalism*. Cambridge, UK ; Malden, MA: Polity, 2017. (Theory redux).

TARROW, S. *O poder em movimento: Movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

TASSINARI, A.; MACCARRONE, V. Riders on the Storm: Workplace Solidarity among Gig Economy Couriers in Italy and the UK. *Work, Employment and Society*, v. 34, n. 1, p. 35–54, fev. 2020.

VENTURINI, A. C. Entrevistas em profundidade e movimentos sociais. In: SZWAKO, J.; DOWBOR, M.; PEREIRA, M. M. (Org.). *Métodos em Movimento*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. p. 75–100.

WOODCOCK, J. *The fight against platform capitalism: an inquiry into the global struggles of the gig economy*. London: University of Westminster Press, 2021.

VÍDEOS COLETADOS

BRASIL DE FATO - BREQUE DOS APP COMPLETA UM ANO. Youtube, 01/07/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M5yg-N4zy9U>. Acessado em: 30 de abril de 2023

DOC DE DOMINGO - Eps 07 - BREQUE DOS APP. Youtube, 10/08/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMBu2rkmBSE>. Acessado em: 30 de abril de 2023

FOLHA DE S.PAULO - 'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. Youtube, 26/02/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ttciccleolq>. Acessado em: 30 de abril de 2023

IAGUI MOTOVLOG - GREVE dos ENTREGADORES - Você é a favor ou contra?. Youtube, 24/07/2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9khuwJufiMg>. Acessado em: 30 de abril de 2023

JORNALISTAS LIVRES - Breque dos App em Brasília. Youtube, 01/07/2020 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d7Z1rzoH2AY>. Acessado em: 30 de abril de 2023

RALF MT - Como fazer Greve dos aplicativos na sua cidade (ifood, rappi, uber direct). Youtube, 20/03/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xF0HkrDEUaE>. Acessado em: 30 de abril de 2023

RALF MT - GREVE DOS ENTREGADORES NO BRASIL - BREQUE DOS APP NACIONAL. Youtube, 11/09/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R3j2OcM6UPA>. Acessado em: 30 de abril de 2023

REPORTER BRASIL - #BrequeDosApps A luta de entregadores e motoristas de aplicativo por direitos. Youtube, 22/07/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDQ8ptl-y5s>. Acessado em: 30 de abril de 2023

TICOLOKO MOTOKA - Greve nacional dos entregadores. Youtube, 17/06/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cYzFM7g9MNU>. Acessado em: 30 de abril de 2023

WILLMOTOVLOG23 - Paralisação dos entregadores de aplicativos - minha humilde opinião. Youtube, 21/06/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zBK1yXlha1k>. Acessado em: 30 de abril de 2023

NOTÍCIAS CONSULTADAS

AMORIM, F.; MORALES, R.; PITOL, P; MACHADO, V. Breque dos APPs: entenda as reivindicações dos entregadores. ESQUINAS. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/cotidiano/o-que-e-invisivel/breque-dos->

[apps-entenda-as-reivindicacoes-dos-entregadores/](#). Acessado em: 23 de abril de 2023

BARBOSA, Mariana. Dois em cada três entregadores de aplicativo preferem jornada flexível ao regime CLT. [S.I.]. 2021 Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/dois-em-cada-tres-entregadores-de-aplicativo-preferem-jornada-flexivel-ao-regime-de-clt.html>. Acessado em: 29 de abril de 2023

BRIGATTI, Fernanda. Entregadores tentam emplacar novo Breque dos Apps nesta sexta. Folha de S. Paulo. [S.I.]. 2022 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/entregadores-tentam-emplacar-novo-breque-dos-apps-nesta-sexta.shtml>. Acessado em: 29 de abril de 2023

DAVID, Grazielle. 'Entregando comida, passando fome': a realidade dos entregadores de apps. Brasil Debate. [S.I.]. 2020. Disponível em: <https://brasildebate.com.br/entregando-comida-passando-fome-a-realidade-dos-entregadores-de-apps/>. Acessado em: 22 de abril de 2023

DELGADO, G.N; CARVALHO, B.V. Breque dos Apps: direito de resistência na era digital. Le Monde Diplomatique Brasil. [S.I.]. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/breque-apps-direito-de-resistencia-na-era-digital/>. Acessado em: 23 de abril de 2023

FERNANDES, I.; SILVA, V. Como uma greve de entregadores no interior de SP enquadrou o iFood. Ponte. [S.I.] 2021. Disponível em: <https://ponte.org/como-uma-greve-de-entregadores-no-interior-de-sp-enquadrou-o-ifood/>. Acessado em: 29 de abril de 2023

FESTI, R.; OLIVEIRA, R.V.. Entregadores: como se forma a consciência do precariado. Outras Palavras. [S.I.] 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/trabalho/precariado/entregadores-como-se-forma-consciencia-do-precariado/>. Acessado em: 29 de abril de 2023

MACHADO, Leandro. Greve dos entregadores: o que querem os profissionais que fazem paralisação inédita. BBC NEWS. [S.I.]. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53124543>. Acessado em: 22 de abril de 2023

MARÇAL, Manuel. Greve motoristas de app: motoboys realizam bloqueio na porta de estabelecimentos. O TEMPO. [S.I.]. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/greve-motoristas-de-app-motoboys-realizam-bloqueio-na-porta-de-estabelecimentos-1.2645845>. Acessado em: 29 de abril de 2023

MONCAU, Gabriela. Entregadores de apps afirmam que a greve agora é por tempo indeterminado até terem respostas. Brasil de Fato. [S.I.]. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/14/entregadores-de-apps-afirmam-que-a-greve-agora-e-por-tempo-indeterminado-ate-terem-respostas>. Acessado em: 29 de abril de 2023

OLIVEIRA, Joana. Entregadores de aplicativos fazem primeira grande paralisação da categoria no Brasil. El País. [S.I.]. 2020. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-02/entregadores-de-aplicativos-fazem-primeira-grande-paralisacao-da-categoria-no-brasil.html>. Acessado em: 23 de abril de 2023

OLIVEIRA, Joana. Galo lança a revolução dos entregadores de aplicativo. Essenciais na pandemia, invisíveis na vida real. El País. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-28/galo-lanca-a-revolucao-dos-entregadores-de-aplicativo-essenciais-na-pandemia-invisiveis-na-vida-real.html>. Acessado em: 22 de abril de 2023

PEREIRA, Tiago. Aplicativos receberam mais de 50 mil avaliações negativas durante a greve dos entregadores. Rede Brasil Atual. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/aplicativos-receberam-mais-de-50-mil-avaliacoes-negativas-durante-a-greve-dos-entregadores/>. Acessado em: 23 de abril de 2023

REDE BRASIL ATUAL. #BrequeDosApps: entregadores fazem mobilização e pedem apoio da sociedade. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/breque-dos-apps-greve-entregadores/>. Acessado em: 23 de abril de 2023

REDE BRASIL ATUAL. Entregadores de aplicativos vão fazer nova greve em 12 de julho. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/trabalho/entregadores-de-aplicativos-vaio-fazer-nova-greve-em-12-de-julho/>. Acessado em: 23 de abril de 2023

SCHAVELZON, Salvador. A luta dos entregadores de aplicativo contra os algoritmos autoritários. El País. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-07-25/a-luta-dos-entregadores-de-aplicativo-contra-os-algoritmos-autoritarios.html>. Acessado em: 22 de abril de 2023

SODRÉ, Lu. Entregadores de aplicativos pedem apoio da população para paralisação nacional. Brasil de Fato. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/29/entregadores-de-aplicativos-pedem-apoio-da-populacao-para-paralisacao-nacional>. Acessado em: 22 de abril de 2023

SODRÉ, Lu. Jornadas de 12h e zero direitos: por que entregadores de apps fazem greve inédita. Brasil de Fato. [S.l.]. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/30/12h-de-trabalho-sem-apoio-e-sem-direitos-o-dia-a-dia-dos-entregadores-de-apps>. Acessado em: 22 de abril de 2023

6. ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado/a informante,

Esta entrevista faz parte da pesquisa **Novas sociabilidades na Era Digital**, realizada pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais sob a coordenação do **Prof. Marden Barbosa de Campos**, e busca compreender o impacto e as transformações das plataformas digitais na sociedade brasileira, com foco nas relações de trabalho.

Para este estudo faremos um conjunto de entrevistas que serão transcritas e interpretadas por pesquisadores da UFMG. Todas as informações coletadas durante a entrevistas visam, única e exclusivamente, à fins acadêmicos e científicos. Os dados dos informantes e informados serão tratados com confidencialidade, protegendo-os de serem identificados ou rastreados. Não serão nunca fornecidos a terceiros e nem citados nominalmente, neste estudo ou em eventuais publicações que derivem desta pesquisa.

Todos os dados coletados serão mantidos em arquivo digital pelos pesquisadores pelo prazo de 5 (cinco) anos, podendo ser solicitados pelo informante a qualquer momento dentro desse prazo. A segurança e sigilo dos dados é de inteira responsabilidade dos pesquisadores.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira, mas será garantido, se necessário, o ressarcimento de suas despesas, e de seu acompanhante, como transporte e alimentação. Sua participação é voluntária e você pode retirar ou interromper seu consentimento a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação da forma com que é atendido (a) pelo pesquisador (a).

Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição quando finalizada.

A qualquer momento você pode entrar em contato com o coordenador da Pesquisa **Prof. Marden Barbosa de Campos** pelo e-mail mardencampos@gmail.com ou com o pesquisador **Paulo Antonio Romano de Mello**, pelo e-mail paromanomello@gmail.com ou pelo celular/*whatsapp*: (31) 9 9233-1061.

Você concorda em conceder a entrevista?

SIM

NÃO

SOB CONDIÇÕES: _____

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Nome:

Contato:

Belo Horizonte, MG, ____/____/____ (DATA)

7. ANEXO 2 - ROTEIRO ENTREVISTA

SOBRE SUA TRAJETÓRIA DE TRABALHO

- O que fazia antes de entregar?
- Como e quando começou a trabalhar como entregador? Por quê?
- Dia a dia – Como é um dia comum de trabalho seu? O que você costuma fazer?
- Na pandemia, houve alguma alteração no seu trabalho?
- Além do IFood, trabalha com outros aplicativos? E em outros trabalhos?
- O que diria sobre o seu trabalho?

MOBILIZAÇÕES DOS ENTREGADORES EM BH

- Histórico – Como começou?
- Como foi seu envolvimento?
- Sobre a luta das placas vermelhas, pela regulamentação dos aplicativos, você participou dessa mobilização? Como foi?
- Você comentou que os entregadores não gostam dos breques, pode falar mais sobre isso?
- Como é hoje a sua relação com o movimento dos entregadores?

SOBRE O BREQUE DE 2020

- Como foi a sua participação no Breque?
- Como foi a construção do Breque em BH?
- Como vocês decidiram fazer aquela luta? Alguém teve a ideia?
- Como vocês fizeram para ampliar a mobilização?
- Como você foi chamado a participar? Quem te convidou?
- Como vocês decidiram as pautas de reivindicações?
- Depois do Breque, vocês seguiram organizados? Deram algum prosseguimento?
- E os breques que tiveram depois? Como foi?

SOBRE A CONTINUIDADE DA MOBILIZAÇÃO

- Vocês têm uma mobilização agora no próximo mês. Como tá sendo a construção em BH? Quais expectativas?
- O que você acha que os entregadores deveriam fazer para defender seus direitos?

RELAÇÃO COM A EMPRESA IFOOD E COM O PODER PÚBLICO

- Fórum dos entregadores
- Táticas que a empresa adota para diminuir a mobilização.
- Regulação dos aplicativos, essa esfera mais jurídica da luta – como lidam?